

*Da rede à fábrica: uma arqueologia  
das mulheres trabalhadoras do  
município de São José do Norte - RS (1970-1995)*



Alice Teixeira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

DA REDE À FÁBRICA: UMA ARQUEOLOGIA DAS MULHERES  
TRABALHADORAS DE SÃO JOSÉ DO NORTE – RS (1970 – 1995)

Alice da Conceição Teixeira

Rio Grande – RS

2019

ALICE DA CONCEIÇÃO TEIXEIRA

DA REDE À FÁBRICA: UMA ARQUEOLOGIA DAS MULHERES  
TRABALHADORAS DE SÃO JOSÉ DO NORTE - RS (1970 – 1995)

Monografia apresentada ao Curso de  
Arqueologia da Universidade Federal  
do Rio Grande como requisito parcial  
para a obtenção do título de Bacharel  
em Arqueologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Valladão Thiesen

Rio Grande – RS

2019

Capa: Design produzido por Anderson Gomes a partir de fotos de um arquivo pessoal e de uma foto da antiga fábrica Humberto Ferrari e filho, disponível em <https://www.facebook.com/groups/600656979997041/>.

ALICE DA CONCEIÇÃO TEIXEIRA

DA REDE À FÁBRICA: UMA ARQUEOLOGIA DAS MULHERES  
TRABALHADORAS DE SÃO JOSÉ DO NORTE - RS (1970 – 1995)

Monografia apresentada ao Curso de  
Arqueologia da Universidade Federal  
do Rio Grande como requisito parcial  
para a obtenção do título de Bacharel  
em Arqueologia.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Valladão Thiesen – Universidade Federal do Rio Grande

---

Prof. Dr. Martín César Tempass – Universidade Federal do Rio Grande

---

Vanessa Ávila Costa – Universidade Federal de Pelotas

Em especial, dedico este trabalho à minha avó, Conceição Gautério da Silva, uma entre tantas mulheres nortenses que deram vida às fábricas de pescado do município de São José do Norte. Uma mulher independente que desafiou o sistema patriarcal e provou a todos que uma mulher pode, sim, criar seus seis filhos sozinha e ter uma profissão. Tenho certeza de que, quando eu nasci e optasses por te desligar das fábricas e cuidar de mim, não sonhavas que serias o motor da pesquisa de tua primeira neta a concluir um curso superior. A ti, toda minha gratidão e amor, és minha inspiração na pesquisa e na vida. Dedico este trabalho também a cada operária que trabalhou na indústria do peixe, em especial àquelas que aceitaram fazer parte deste estudo. Sem vocês, esta pesquisa não seria possível.

## AGRADECIMENTOS

Aos(às) professores(as) do curso de Bacharelado em Arqueologia, Adriana Fraga, Artur Barcelos, Beatriz Thiesen, Cassiane Paixão, Danilo Bernardo, Gianpaolo Adomilli, José Alberione, Márcia Kuniuchi, María Farias, Martial Pouquet e Mártin Tempass, por todo conhecimento compartilhado. Levarei cada ensinamento em minha trajetória como arqueóloga.

Dentre esses(as) professores(as), agradeço especialmente à Bia, que mais do que uma professora e orientadora é uma grande e incansável amiga. Obrigada por ser essa arqueóloga incrível, admiro não só o teu amor pela arqueologia como também tua forma de fazer arqueologia, uma pesquisadora sempre preocupada com o outro, com as pessoas e suas pluralidades. No entanto, te agradeço ainda mais pela pessoa que és e por seres tão solidária, obrigada por entender verdadeiramente o significado da palavra “nós” e por acreditar em mim e neste trabalho, cuja trajetória não teria sido tão bonita sem a tua parceria – mesmo nos momentos em que não encontrávamos isso ou aquilo, me fizesse compreender que a ausência e o silêncio falam por si.

À Márcia, que dividiu comigo um pouco de suas experiências com as mulheres das fábricas de peixe de São José do Norte e de Rio Grande.

À Adriana, por me auxiliar ao longo do curso com leituras que foram fundamentais para este trabalho.

E ao José, um grande professor e amigo, por me mostrar que a pesquisa precisa tocar o coração do pesquisador, me ajudando assim a definir o tema deste trabalho.

Em 2016, quando ingressei no curso de Arqueologia, fiz grandes amigos: Anderson Gomes, Danielle Fagundes, Natália Tavares, Newan Souza e Maria Helena Lopes. Fomos parceiros desde o início da graduação e, com o passar do tempo, construímos uma amizade sem igual. Estivemos juntos muito além da graduação e tenho certeza de que, se não tivéssemos uns aos outros, não teríamos chegado ao fim do curso. Sou grata por todas as experiências que vivenciamos juntos.

Em 2018, a graduação me aproximou de Diego Hungria, um ser humano incrível e um amigo para todas as horas. Agradeço por ter acreditado que eu faria um bom trabalho quando nem eu mesma acreditava, e por permitir que eu te incentivasse também.

À Cinara Moura, por ser mais do que uma colega, uma motorista, uma amiga: és uma verdadeira mãe para todos os colegas que precisam.

À Vanessa Costa, uma arqueóloga incrível e uma amiga maravilhosa, obrigada por todo material bibliográfico que dividisse comigo – incluindo a tua monografia –, por todo incentivo e carinho.

Às amigas que conquistei no ensino médio, Nathália Maio e Marielle Gautério, por me acompanharem desde então sem nunca soltarem minha mão.

Ao meu amigo Karl Roger Medeiros, por me apoiar incansavelmente ao longo dos primeiros três anos do curso, por compreender minha vontade de cursar Arqueologia quando ninguém compreendia, por todas as vezes que me levou e me buscou na lancha, por ficar horas discutindo sobre essa ciência comigo e por discutir inúmeras possibilidades de mudar o mundo ao longo de todo esse tempo.

À minha avó, Emília de Oliveira, por todo incentivo ao longo desses quatro anos de graduação e por me ajudar a conhecer vários lugares durante a graduação.

À Clarice de Oliveira e a Daniel Mendes, vocês foram tios incansáveis no meu período de adaptação à universidade, sempre mantendo as portas de sua casa abertas para mim, me levando à FURG sempre que eu pedia e sempre se lembrando de perguntar como iam as coisas por aqui.

À Teresa do Carmo Alves, minha mãe preta, por todo incentivo e localização dentro da universidade, por debater comigo textos de gênero e por toda parceria ao longo da vida.

À Rozelaine Nunes, por sempre me fazer acreditar que tudo é possível e por me lembrar constantemente da força nata das mulheres.

Detenho-me agora em agradecer à minha família materna. Agradeço à nossa matriarca, Conceição Gautério da Silva, minha avó, por ter me ensinado a ser, sobretudo, uma pessoa ética, por enxergar e reconhecer o espaço e a importância do outro, e principalmente por ter me ensinado isso tudo com tanto amor. A graduação não nos ensina essas coisas, mas sobre como proceder corretamente na vida tu nunca deixasse faltar ensinamentos. És a principal razão pela qual não me permiti cansar ou desistir ao longo deste trabalho, tem mais da tua garra e persistência em mim do que imaginei. Obrigada vó por existir na minha vida e por me fazer ser quem sou.

À Silvana da Conceição, minha tia e uma das entrevistadas deste trabalho.

À minha tia, mãe e comadre Jerusa Silva, por ser tão minha amiga, por acreditar tanto em mim, por fazer da sua casa a minha casa, por me amar tanto e por não medir esforços para me ver feliz, nada no mundo é capaz de representar tua importância na minha vida e na minha formação.



À Luiza Rosa, minha prima e irmã do coração, por todo incentivo ao longo da graduação, por contribuir diretamente com este trabalho me auxiliando na busca por referências bibliográficas, por ser responsável pelas fotografias desta pesquisa, pelas filmagens e gravações de áudio de todas as entrevistas que realizamos juntas, por cobrar que a escrita desse trabalho ficasse pronta dentro dos prazos, mas principalmente por aguentar o meu choro e o meu mau humor quando algo dava errado ou quando eu achava que não conseguiria dar conta de tudo.

Agradeço ao meu afilhado Lucas Sá por todo carinho e pelas manhãs em que estudávamos juntos.

Fechando os agradecimentos relacionados à minha família materna, agradeço à minha mãe, Adriana Silva da Conceição: és com certeza a pessoa mais importante da minha vida. Não foi fácil cursar um curso que tu não sonhavas para mim, sei que teus planos eram outros e sei que tu não gostas quando as coisas saem dos planos, mas os filhos crescem, eu cresci e fui extremamente feliz ao escolher cursar Arqueologia. Sei que te sentes feliz por minha conquista. Não tenho palavras para te agradecer por tudo que fizesses por mim ao longo da vida, em especial ao longo destes quatro anos de graduação. Foste mãe, foste pai, foste Alice quando eu não conseguia ser, és a principal razão da minha luta. Admiro a mulher que és e trabalho diariamente para dar conta de ser um pouco do que tu és. Obrigada por ser meu tudo neste mundo, por nunca me deixar só, por me impulsionar, por me incentivar o voo e por sempre manter o ninho pronto para o meu retorno. Obrigada por ser a “minha pessoa”.

Agradeço a Dori Edson Carinha pelo incentivo ao longo deste período e por todas as vezes que me buscou na lancha quando eu chegava cansada de mais um dia de aula.

Por fim, agradeço a Wendel Gibbon por conseguir me disponibilizar acesso a uma série de fotos de arquivo particular referentes às fábricas de peixe, por filmar e acompanhar uma entrevista e por todo incentivo e parceria na reta final da graduação.

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1: mapa do estado do Rio Grande do Sul.

FIGURA 1.1: recorte da figura anterior, com foco nos municípios de Pelotas, Rio Grande e São José do Norte.

FIGURA 2: área de concentração das fábricas de peixe em São José do Norte.

FIGURA 3: Fábrica Frigoría.

FIGURA 4: foto de um grupo de tarefeiras trabalhando em uma das fábricas de peixe do município.

FIGURA 5: foto da planta baixa da fábrica Frigoría Indústria e Comércio do Frio S.A.

FIGURA 5.1: recorte da figura anterior, com foco na “sala de evisceração e filetagem”.

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO I: Capa de um trabalho de Ensino Médio da escola Instituto Estadual de Educação São José, de onde foi retirado um trecho de uma entrevista, realizada por Rubilar Mackmill Bittencourt, com um dos administradores da empresa Moura Indústria e Companhia da Pesca Ltda., o senhor José Moraes, em 1991.

ANEXO II: Matéria avulsa, sob o título: Sonho Meu. Data: 07/05/94, autor: Guaracy Ferrari.

ANEXO III: Matéria avulsa do Jornal Folha do Norte, sob o título: Executivo promoverá simpósio para salvar a pesca. Data: 25/04/1996, sem autor.

ANEXO IV:: Planta baixa da fábrica Humberto Ferrari e Filho.

ANEXO V: Foto da Fábrica Humberto Ferrari e Filho. A foto foi postada na página São José do Norte fotos antigas, por Cristiano Paranhos, no dia vinte e dois de junho de 2015. A legenda que consta na postagem é: “Beira do cais, década de 60”.

ANEXO VI: Planta baixa da fábrica Martins e Figueiredo Ltda.

ANEXO VII: Foto externa do prédio onde funcionou Moura, a última fábrica de peixe do município. (Registro: Luiza Rosa, em: 14/02/2019).

Anexo VIII: Entrevista com Conceição Gautério da Silva, ex-tarefeira, atuou em várias fábricas, nos municípios de Rio Grande e São José do Norte (Foto: Luiza Rosa, em: 25/02/2019).

Anexo IX: DVD contendo o vídeo do capítulo quatro e fotos das plantas baixas das fábricas, para melhor visualização.

## SUMÁRIO

Introdução.....	15
Capítulo 1 – O município de São José do Norte.....	20
1.1 – Formação e consolidação da cidade.....	21
1.2 – A importância da pesca e a participação feminina.....	21
Capítulo 2 – Mulheres, lugar(es) e poder.....	26
2.1 – As mulheres de fábrica.....	26
2.2 – A fábrica: um espaço de tecnologia e poder.....	28
2.3 – O tempo e a divisão sexual do trabalho.....	33
Capítulo 3 – As mulheres do Norte.....	36
Capítulo 4 – Mulheres e violência(s).....	39
Considerações finais.....	42
Anexos.....	45
Referências Bibliográficas.....	53

## RESUMO

A partir das narrativas de ex-funcionárias das oito fábricas de peixe do município de São José do Norte, busquei compreender a construção mútua mulher X fábrica em um município ao extremo sul do Brasil. Após esses relatos, mapeei a área de concentração dessas fábricas e busquei, junto ao órgão responsável da prefeitura – Secretaria de Planejamento –, suas plantas baixas, conseguindo identificar a zona de trabalho (em torno do cais) e o espaço de trabalho (fábrica) dessas mulheres. Realizei algumas visitas a essas fábricas e pude perceber o quão fortes ainda são suas presenças no município e o quão imponentes eram algumas dessas estruturas, como o complexo Moura e a Frigoria. Na realização deste estudo, considerei, além de narrativas, plantas, mapas, muitas fotos realizadas durante a pesquisa, fotos que xs entrevistadxs me mostravam e, em geral, permitiam que eu replicasse e também fotos de um arquivo pessoal ao qual tive acesso, sendo estas da época em que as fábricas ainda estavam em funcionamento. Com esse material, consegui compreender um pouco da rotina das mulheres na pesca artesanal, a construção mútua entre mulheres e fábricas, bem como os processos de violência, opressão e resistência enfrentados e traçados por essas mulheres, processos que são visíveis ainda hoje.

**Palavras-chave:** Mulheres Operárias. Fábricas. Peixe. Arqueologia de Gênero. Violências.

## ABSTRACT

From narratives of former female employees of eight fish factories from São José do Norte, I sought to understand the mutual construction woman x factory in a town on Brazilian extreme south. After their descriptions, I mapped the concentration area of these factories and I looked for their blueprints in the responsible department of city hall – Secretaria de Planejamento –, successfully identifying the work zone (around the dock) and the work space (factory) of these women. I did some visits to these factories and realized how strong are still its presences in the city and how imposing were some of these structures, like the complex Moura and the Frigoria. In the course of this study, I've been considering, besides narratives, blueprints, maps, a lot of pictures took during research, pictures interviewed people have shown me and have let me use them most of time, and also pictures from a personal archive that I had access of time when factories were still working. With all these material I was able to understand a little bit about the routine of these women in artisanal fishing, the mutual construction between women and factories, as well as processes of violence, oppression and resistance faced and made by these women still visible today.

**Keywords:** Working Class Women. Factories. Fish. Archaeology of Gender. Violences.

## Introdução

Este trabalho busca refletir sobre o construir-se mútuo entre as trabalhadoras da indústria do peixe do município de São José do Norte e as fábricas. Para compreender como essas mulheres deram vida a esses espaços, o que isto significou para elas e o impacto de uma atividade remunerada em seus cotidianos, iniciei a pesquisa realizando entrevistas, em um primeiro momento, com mulheres da minha família e algumas conhecidas, que me indicaram outras mulheres, sendo que eu ia até as casas delas ou agendava as entrevistas por telefone.

Todas as mulheres com quem tive contato aceitaram realizar as entrevistas. Sempre pedi para gravá-las em vídeo ou, ao menos, áudio, uma vez que durante as conversas fica difícil tomar nota de todas as informações. Aqui, um primeiro ponto me chamou a atenção: assim que fazia o pedido para gravar as entrevistas, a maioria das mulheres – salvo duas exceções – abaixou a cabeça, o que considero uma demonstração de timidez e/ou baixa autoestima vinculada ao trabalho que teriam de relatar nas entrevistas. No entanto, uma única mulher pediu para que apenas o áudio fosse gravado, enquanto as demais permitiram que o vídeo fosse filmado e, depois de alguns minutos de entrevista, mantiveram um contato visual comigo. O segundo ponto que me chamou a atenção: todas as entrevistadas me fizeram uma das seguintes perguntas: “O que queres saber?” ou “O que queres que eu diga?”.

O roteiro da entrevista era bem aberto, planejado de forma simples e direta para que não fosse cansativo às entrevistadas e nem causasse nenhum tipo de constrangimento. Iniciava com perguntas básicas, como nome completo, local de nascimento, idade, estado civil, e, em seguida, perguntava sobre a família (pais, companheirxs e filhos), depois perguntando sobre a vida profissional e mais especificamente sobre as fábricas em que haviam trabalhado, por quanto tempo, como haviam conseguido o emprego, condições de trabalho, relações com os colegas e os patrões, formas de pagamento, duração da jornada de trabalho, funções exercidas, satisfação pessoal com o emprego e, por fim, perguntava algumas histórias ou lembranças da época em que trabalhavam nas fábricas que desejassem dividir comigo. Assim, construí um roteiro que Boni e Quaresma definem como uma entrevista semi-estruturada:

“As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja

delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.” (p.75,2005).

As entrevistadas sempre responderam a todas as perguntas, porém, saliento aqui que todas respondiam à última duas vezes: uma vez enquanto estávamos gravando e outra quando eu dizia que tínhamos encerrado, agradecia e parava de gravar. Depois disso, sempre diziam: “tem outra história/não estás mais gravando, né?/isso eu vou contar, mas tu não grava”.

“A presença do gravador, como instrumento de pesquisa, em alguns casos pode causar inibição, constrangimento, aos entrevistados. Em outros casos o pesquisado poderá assumir um papel que não é o seu, assumir um personagem que nada tem a ver com ele, ou seja, ele pode incorporar o personagem que ele acha que o pesquisador quer ouvir. Sendo assim, consciente ou inconscientemente o pesquisado estará tentando enganar o pesquisador.” (ibid., p.77).

Ao longo desta pesquisa, realizei também duas entrevistas com pessoas do sexo masculino, no entanto, as mulheres que entrevistei eram tarefeiras<sup>1</sup>, enquanto os dois homens eram funcionários de escritório, sendo que um deles inclusive ocupou o cargo de gerente em uma das oito fábricas que operaram simultaneamente no município. Aqui, me chamou a atenção um terceiro ponto: as entrevistas realizadas com os homens tiveram uma duração média de trinta e seis minutos e vinte e cinco segundos, enquanto as entrevistas realizadas com as mulheres tiveram uma duração média de oito minutos e sete segundos<sup>2</sup>.

Logo, podemos observar através do tempo de fala dessas entrevistas, no mínimo, duas coisas bem claramente: Homens falam mais do que mulheres e patrões falam mais do que empregados. Spivak afirma que “o subalterno não pode falar” (p. 126, 2010).

Além das entrevistas que realizei, utilizei também algumas entrevistas que recebi da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Kuniochi, realizadas no ano de 2009 no projeto Mulheres e Trabalho: as (i) mobilidades dos estigmas<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Tarefeiro: que(m) aceita ou toma obra por tarefa; empreiteiro. 2. Empregado cujo salário é calculado por tarefa. (Minidicionário LUFT, 2002).

<sup>2</sup> O cálculo médio de duração das entrevistas foi realizado da seguinte forma: somei o tempo de gravação das entrevistadas de sexo feminino e dividi pelo número total de entrevistadas, chegando ao tempo médio das entrevistas. O mesmo procedimento foi realizado com os entrevistados do sexo masculino.

<sup>3</sup> Esse trabalho tinha como objetivo “analisar as representações do trabalho feminino no município do Rio Grande (RS) em dois momentos históricos: a) passagem do século XIX para o XX, no pós-abolição, gênese da atividade industrial e inserção da mão-de-obra livre; e b) década de 1970 até o presente, importante período de crescimento da indústria de pescado e incremento da participação das mulheres como trabalhadoras destas indústrias”.

Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4733571E0>>.



Após a realização dessa primeira etapa da pesquisa, passei a mapear a área de concentração territorial das fábricas, atividade que resultou em um mapa elaborado por mim que auxiliará na compreensão visual da disposição das fábricas ao longo do cais no município.

Nessa etapa de levantamento territorial, a presença – mesmo que em ruínas – das fábricas chama a atenção, e destaco aqui o complexo Moura, última fábrica em funcionamento do município, no prédio que abrigou anteriormente a Confrio e a Saraiva & Santos. A construção é imponente e, com exceção das aberturas, está bem conservada, características que me levaram a começar a pensar o espaço de trabalho dessas mulheres e a partir da qual comecei a busca por plantas baixas dessas fábricas, através da Secretaria de Planejamento do município. A tarefa não foi fácil, mas, após meses de insistência, consegui que a secretaria me disponibilizasse as plantas para que eu pudesse fazer cópias.

É importante salientar a extrema dificuldade em encontrar referências bibliográficas para escrever este trabalho, primeiramente porque não existe uma variedade de pesquisas sobre o município<sup>4</sup> e, como segundo motivo, o fato deste trabalho ter mulheres como protagonistas. Segundo Perrot, “a dificuldade de se fazer uma história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços” (p.29, 2005 apud COSTA, p.13, 2017).

Minhas pesquisas bibliográficas sobre o município ocorreram, em geral, no Arquivo Público Municipal e na Biblioteca Pública, onde encontrei informações sobre pesca e indústrias de peixe em matérias do Jornal Folha do Norte e em alguns trabalhos realizados em nível de Ensino Médio. No entanto, não cheguei a pesquisar no jornal citado em si, mas em cópias das matérias que se encontravam avulsas em caixas do Arquivo Público Municipal – algumas foram anexadas a este trabalho.

Thiesen aponta que:

a materialidade da cultura é a via de acesso do arqueólogo a outros aspectos da cultura. Essa materialidade é passível de observação direta em alguns casos, porém, há aqueles vestígios que foram destruídos, que foram efêmeros ou que nunca foram realizados (um projeto, por exemplo). Existem, então, pelo menos, dois modos de ter acesso à cultura material de uma sociedade que não se excluem, mas que, antes, se complementam: a observação direta e indireta. (BRUNEAU; BALUT, 1997, p. 46-47). Nesse sentido, a análise de fotografias, mapas e gravuras da cidade foi um modo de ter acesso indireto à materialidade pretérita da cidade. (p.145, 2009).

---

<sup>4</sup> Atribuo isso a vários fatores: densidade populacional, tamanho do município, o fato de sempre descreverem a história do município focando na cultura gaúcha, na batalha de 16 de julho e nos importantes homens que por aqui passaram, entre outros.

O recorte temporal 1970-1995 se deu pelos seguintes motivos: é nessa época em que a maioria das entrevistadas relata ter trabalhado nas fábricas e, segundo relatos orais, é também nesse período que se tem o maior número de fábricas operando simultaneamente (oito), sendo ainda nesse tempo que o município exportava seus pescados para diversos países. Além disso, parte das matérias de jornal que encontrei é relativa a esse momento e também nessa época o setor da indústria de pesca da cidade vizinha – Rio Grande – foi descrito por Martins como “o que foi o maior parque industrial do Brasil, durante pelo menos as décadas de 1970 e 1980”. (p.119, 2006).

O trabalho é composto por quatro capítulos. O primeiro aborda um breve histórico sobre a formação e a consolidação do município de São José do Norte. Em seguida, abordo a pesca artesanal, sendo esta e a agricultura familiar as principais fontes de renda do município, e o papel da mulher dentro dessa atividade familiar. Logo após, busco compreender a presença de oito fábricas de peixe em um município pequeno e com densidade populacional baixa e a importância da presença feminina dentro dessas fábricas.

O segundo capítulo aborda inicialmente as “mulheres de fábrica”, buscando compreender quem eram e como eram seus cotidianos. Em seguida, procuro analisar as fábricas em que elas trabalhavam, fazendo reflexões sobre como esses espaços podem ter sido usados para oprimir e controlar essas trabalhadoras, analisando inclusive uma planta baixa de uma das oito fábricas do município. Fechando o capítulo, discuto o tempo e a divisão sexual do trabalho para que possamos refletir sobre algumas formas de desigualdades entre os gêneros, a carga horária de trabalho feminina e a desigualdade de tarefas dentro do lar, considerando que este é um espaço de responsabilidade feminina, bem como os filhos.

O terceiro capítulo busca refletir amplamente sobre essas mulheres, buscando compreender os reflexos da atividade fabril em suas vidas pessoais, as inúmeras formas de violência enfrentadas e suas articulações de resistência, fazendo algumas considerações.

O quarto e último capítulo deste trabalho é, antes de tudo, um imprevisto: inicialmente eu havia planejado e estruturado este trabalho somente com os três capítulos acima, no entanto, ao decorrer da pesquisa, as inúmeras formas de violência enfrentadas por essas trabalhadoras foram me chamando a atenção e me sensibilizando como pesquisadora. Nesse sentido, o fato de que essas mulheres foram silenciadas ao longo de suas vidas me despertava, a cada contato, uma necessidade de criar dentro deste trabalho um espaço para que pudessem falar.

No entanto, se o que eu tinha eram as autorizações dessas mulheres para utilizar suas narrativas preservando seus nomes e imagens, como construir um espaço de fala? Foi cursando uma disciplina do curso – Tópicos

Especiais de Arqueologia do Capitalismo – que a ideia de criar um capítulo audiovisual surgiu. Composto pela imagem do contorno de um rosto vazio, com o intuito de indagar sobre quais corpos carregam esses discursos?, o vídeo é composto por trechos das entrevistas realizadas, ou seja, narrativas femininas, gravados por vozes aleatórias.

Como podem observar, o vídeo foi construído por muitas pessoas e não possui uma qualidade profissional, pois a pesquisa não contava com verba para isso. Logo, os áudios foram gravados por amigos que se disponibilizaram a contribuir com este trabalho em seus próprios aparelhos eletrônicos, e o vídeo foi editado por mim e pelo colega Diego Hungria.

## 1. O MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO NORTE

*Quando lançares um olhar  
Sobre São José do Norte  
Não penses apenas  
Nas fábricas fantasmas  
Com seus operários invisíveis,  
Vielas de barro e lama  
Arrastando sonhos intransferíveis...*

*(Poema feito ao acaso, Alvades Aguiar, 2017)<sup>5</sup>*

Para compreender a presença de oito fábricas ligadas ao pescado e a construção mútua mulher X fábrica em um município ao extremo sul do Brasil, com uma densidade populacional pequena e com o Índice de Desenvolvimento Humano historicamente abaixo do restante do país, é necessário refletir sobre a ocupação, formação e consolidação local. Neste capítulo, pretendo mostrar a cidade como um espaço pensado e criado por homens e para homens, onde as mulheres são invisibilizadas do processo histórico.

Situado ao extremo sul do Brasil, o município de São José do Norte localiza-se à beira da Laguna dos Patos, sendo que, do outro lado do canal, encontra-se o município de Rio Grande, que abriga o único porto do estado. As Figuras 1 e 1.1 apresentam o mapa do estado do Rio Grande do Sul e um recorte que nos ajudam a visualizar a localização:



Figura 1: Mapa do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.mapas-brasil.com/rio-grande-sul.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

<sup>5</sup> Poema de autoria de Alvades Aguiar retirada de seu perfil no Facebook, em 28 de julho de 2017.

Figura 1.1: Recorte da figura anterior com foco nos municípios de Pelotas, Rio Grande e São José do Norte.

### 1.1. Formação e consolidação da cidade

São José do Norte foi inicialmente habitada por indígenas, mas a consolidação de seu povoamento se deu com a chegada dos açorianos, que se dedicavam ao cultivo da terra.

Em 25 de outubro de 1831, ocorreu a emancipação do Município e a criação da vila de São José do Norte, a qual, em 31 de março de 1938, foi elevada à categoria de cidade.

Banhado pelo oceano Atlântico e pela Laguna dos Patos, o município abrange uma área de 1.118,109 Km<sup>2</sup> e sua matriz econômica ainda se baseia no setor primário, com destaque para as cadeias produtivas vinculadas à pesca e ao agronegócio, especialmente à pecuária e à produção agrícola. A cidade é reconhecida pelo cultivo de arroz e, principalmente, pela cebolicultura, recebendo o título de Capital Nacional da Cebola por ter sido considerada a maior produtora do bulbo no país<sup>6</sup>.

Para Ferrari,

A natureza, ao colocar o município de São José do Norte numa faixa de terra estreita e plena, inteiramente formada por solo de aluvião e banhada pelo oceano e pela Lagoa dos Patos, proporcionou aos colonizadores condições ideais para a exploração de duas atividades primárias: a agricultura e a pesca. A agricultura, porque um solo leve e iluminado por dois gigantescos espelhos d'água é muito favorável ao desenvolvimento dos vegetais, e pesca, porque as praias baixas e arenosas facilitam as pescarias. (p. 01, 1999).

Ainda hoje, são essas as atividades que sustentam a economia do município, no entanto, neste trabalho, a pesca assume um papel central.

### 1.2 A importância da pesca e a participação feminina

Ao longo dos anos, a pesca caracterizou-se não só como uma produção econômica no município, mas como uma herança cultural passada de pai para filho, atividade familiar que perpassa gerações. Adomilli aponta que:

Em São José do Norte, os pescadores vivem entre a lagoa, o oceano e seu território terrestre. Atuam em dois mares: a Lagoa dos Patos, chamada de “mar de dentro”, e a zona costeira do Atlântico, referência à pesca barra fora. Junto ao território em terra, esses espaços de vida dos pescadores vão além da atividade que envolve o ato de pescar em si, mas diz respeito a um modo de viver, ao ethos de pescador, ao “ser pescador”, envolvendo aí não somente os homens em suas pescarias, embora esta seja a atividade que preside a identidade social do grupo, mas, também, as famílias e todo o universo de

---

<sup>6</sup> Os dados e informações utilizadas nesse trecho estão disponíveis no site da Prefeitura Municipal de São José do Norte: <<http://www.saojosedonorte.rs.gov.br/sao-jose-do-norte/o-municipio/apresentacao-do-municipio>>.

parentesco e sociabilidade que a compõe, bem como outras atividades, como as de redeiro e de carpinteiro naval, configurando assim comunidades de trabalho em torno da pesca artesanal. (p. 37, 2017).

Logo, embora a pesca artesanal tenha o homem como figura central, provedor que traz o peixe, ela é uma atividade que depende da estrutura familiar para ser desenvolvida de forma eficaz, existindo dentro dessa estrutura uma distribuição de tarefas, mesmo que inconsciente, na qual todos os membros da família desempenham um papel.

O homem é o pescador, personagem que desenvolve o seu trabalho fora do lar, na canoa ou em barcos de pesca (nesse caso, podendo ficar dias fora de casa). Quando, ao fim do dia ou após uma temporada no mar, os homens chegam com o barco carregado, inicia-se outra parte desse processo: é necessário separar o peixe, o camarão e outros crustáceos. Nesse momento, a mulher desempenha outro papel além de dona de casa, mãe ou esposa, executando, junto às crianças e aos adolescentes, uma tarefa de extrema relevância na atividade econômica exercida pela família: limpa e fileteia os peixes, classifica por tamanho os crustáceos e ainda embala esses produtos para a comercialização, feita de várias formas.

Muitos restaurantes de fora do município compram o produto e, nesse caso, os volumes de peixe e dinheiro são significativos. Em geral, essas vendas são realizadas pelo chefe do barco/da família, logo, na maioria das vezes, o dinheiro não passa de forma direta pela mulher. No entanto, há também a comercialização interna no município, na qual muitos pescadores vendem peixe em suas próprias residências ou nas esquinas das principais ruas do centro da cidade. Nesse caso, em que as vendas são de menor volume e, por consequência, de menor valor, é mais comum que mulheres as realizem. Ainda assim, nesse estilo de vida e nessa forma de divisão de tarefas, a renda está direcionada ao homem, sendo a mulher uma auxiliar da casa e das atividades pesqueiras, nunca vista ou tratada como uma protagonista ou como uma trabalhadora.

Por muitos anos, esse estilo de vida predominou por boa parte da cidade e interior, pois havia uma quantidade significativa de peixe na região. Para Ferrari, é isso que justifica a presença de tantas fábricas de peixe no município: “a fartura de pescados fez surgir a indústria pesqueira”, (op. cit., p 01). E nesse setor

tivemos funcionando simultaneamente oito indústrias: Martins & Figueiredo, Amaral & Irmão, Napesca, Saraiva & Santos, Humberto Ferrari & Filhos, Eduardo Ballester, J. G. Sequeira e D. X. Pereira. A Amaral cedeu seu lugar para a Nortemar, a Saraiva para a Confrio e, ultimamente Moura, a Ferrari para a Incape e, por fim, Frigoria, que com a Confrio, exportou camarão e pescados daqui para os Estados Unidos, Europa e Japão. (ibid., 1997).

A Figura 2 é um mapa que mostra a área onde se concentravam essas fábricas:

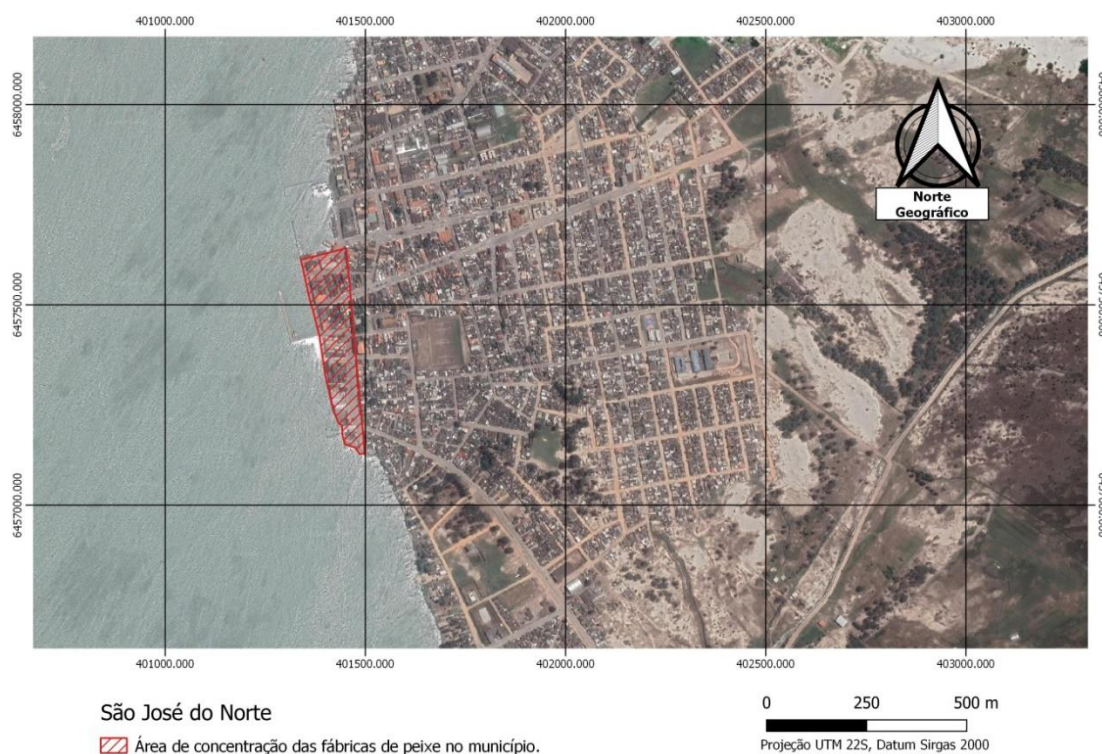


Figura 2: área de concentração das fábricas de peixe em São José do Norte. Mapa elaborado por Alice da Conceição Teixeira.

Observa-se que, em geral, as fábricas estavam localizadas no cais do município ou em seu entorno, facilitando o descarregamento dos barcos. Assim, o território é fundamental para que possamos compreender a existência e permanência dessas fábricas no município por mais de duas décadas. Como aponta Martins: “o território é um agente ativo da definição das ações dessas empresas” (op. cit., p. 05).

Além de facilitar o descarregamento do produto, essa proximidade gerava lucro às empresas, uma vez que o produto perecível possui um custo alto para transporte, pois necessita não só de combustível, mas de acondicionamento apropriado, ou seja, preferencialmente, o “material perecível deve ser elaborado junto à sua fonte” (GEORGE, p.44 apud Martins, op. cit., p.63).

A Figura 3 mostra a antiga fábrica Frigoría, localizada no cais do município:

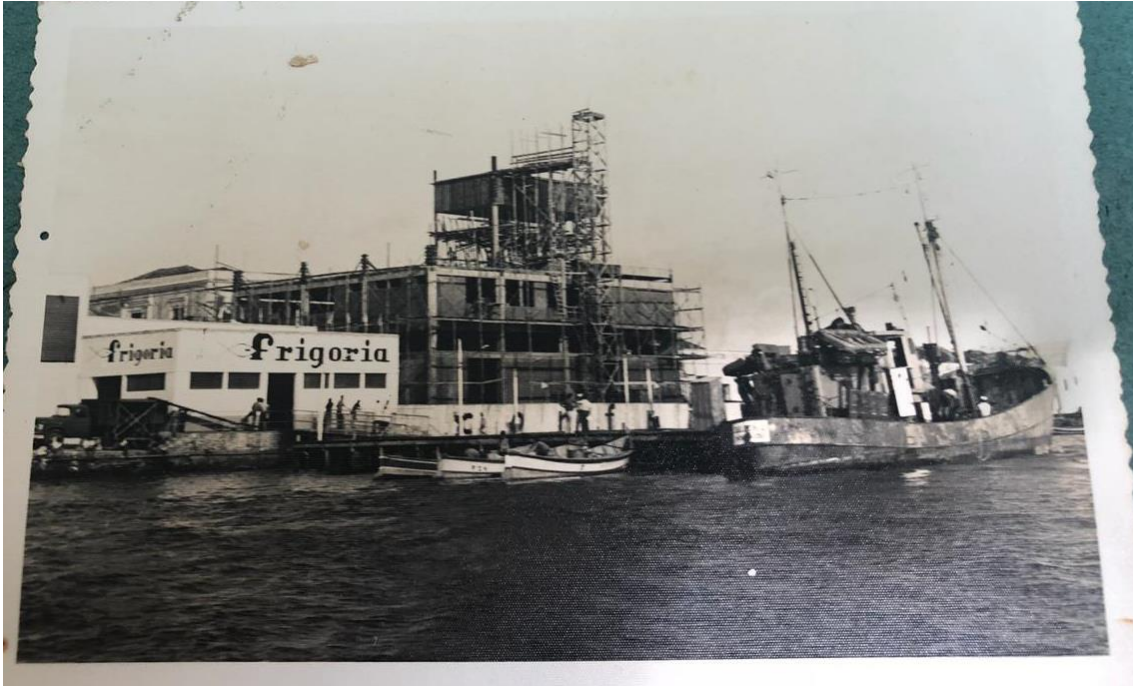


Figura 3: Fábrica Frigoria. Fonte: arquivo pessoal e registro de Luiza Rosa, em 20 de janeiro de 2019.

Valendo-se então de suas características ambientais, São José do Norte estruturou-se econômica e culturalmente através da agricultura e da pesca. Respalhada por questões relacionadas à natureza e ao território, a cidade abrigou oito fábricas ligadas ao pescado e compôs, junto a Rio Grande, um polo industrial pesqueiro de relevância nacional. Sobre a indústria do pescado, em Rio Grande, Renner afirma que:

O peixe destaca-se como matéria-prima principal, porém algumas fábricas processavam também camarões, siris e vegetais. Somando-se à primeira natureza, encontram-se os pescadores com sua técnica para o trabalho. Pequenos comerciantes transformaram seus comércios também em pequenas fábricas de pescado. A organização do processo dá-se em conjunto com a natureza, responsável pela produção e reprodução dos peixes, camarões, siris, bivalvos, necessários para a satisfação das necessidades da sociedade que extrai sua produção. (p.29, 2012).

Seriam, então, somente questões ambientais que atraíram todas essas empresas ao município de São José do Norte? O trecho a seguir foi extraído de uma entrevista<sup>7</sup> realizada por Rubilar Mackmill Bittencourt com um dos administradores da empresa Moura Indústria e Companhia da Pesca Ltda., o senhor José Moraes. A empresa é oriunda de Navegantes/SC e possuiu uma

---

<sup>7</sup> Esta entrevista consta em um trabalho de Ensino Médio da escola Instituto Estadual de Educação São José. O trabalho e a entrevista foram realizados por Rubilar Mackmill Bittencourt para a disciplina "E.M.C.", sob responsabilidade da Prof. Laureci Pinheiro. O título do trabalho é Moura Indústria e Comércio da Pesca LTDA. A data de escrita do trabalho é 11 de outubro de 1991, e eu o encontrei na Biblioteca Pública Municipal.



filial no município que iniciou formalmente suas atividades em vinte e dois de janeiro de 1985.

**Rubilar:** Por que São José do Norte foi escolhido para a instalação da firma, digo de uma filial da empresa?

**José Moraes:** A empresa foi trazida para o município porque estavam precisando nesta região de um ponto fixo, pois trabalhavam em Rio Grande através de outras firmas, pois a mesma não possuía suas próprias dependências, e na época surgiu a compra de uma fábrica aqui no município e já que o ponto de pesca era favorável, os barcos tinham facilidade de atracação, a mão de obra era mais barata e também pela esperança da construção da BR 101 ou “estrada do inferno”<sup>8</sup> a firma veio se fixar aqui e continua até hoje no município. (p.08,1991).

Assim, não só questões ligadas ao meio ambiente foram responsáveis pelo surgimento desse polo industrial pesqueiro no município, mas também uma mão de obra que despendia um menor custo das empresas. Considerando a estrutura familiar e a divisão de tarefas encontrada em várias famílias de pescadores dentro da qual o homem é o pescador, alguém que desenvolve uma atividade fora do lar e gera renda, quem sobrou nas famílias com experiência para trabalhar com pescados e ocupar as fábricas foram, em geral, as mulheres.

Mulheres que, em muitos casos, saíram pela primeira vez de casa para realizar uma tarefa remunerada diretamente, sem a interferência do marido. Mulheres que, pela primeira vez, deixaram os filhos em casa. Mulheres também que foram indicadas por outras mulheres sem saber o ofício de tarefa nem conhecer o pescado, mas buscando um emprego, uma renda, independência financeira, ou, em alguns casos, uma forma de sobrevivência. Às fábricas chegaram ainda mulheres separadas, viúvas e solteiras por opção, descritas pelas demais como “as sem marido”.

São muitas, diversas e plurais, marcadas por inúmeras lutas e abusos, sofrendo inúmeras formas de violência por parte de seus familiares, maridos, patrões e de outras mulheres de dentro e de fora das fábricas. Mesmo assim, elas resistiram e ocuparam o espaço fabril.

E o que as fez continuar dentro de um ambiente insalubre, violento, perigoso, fedido? A necessidade? Talvez o construir-se? Possivelmente, para além de um parque industrial, abrigávamos na cidade mulheres que não mais aceitariam auxiliar, depender.

---

<sup>8</sup> Como era conhecida popularmente a estrada oficialmente denominada BR-101.

Junto às fábricas, sob longas jornadas de trabalho e tarefas exaustivas, nasciam operárias, mulheres protagonistas da história da pesca no município, mesmo que sempre silenciadas, invisibilizadas.

No entanto, o que de fato diferia as mulheres que atuavam na pesca artesanal das que atuavam dentro da fábrica? O trabalho realizado era o mesmo, mas na fábrica, por ser feito fora do lar, as mulheres encontravam-se em outra categoria social, não mais como donas de casa, mas peixeiras, operárias, dedicando-se a um trabalho diretamente remunerado, tornando-se economicamente independentes. Uma renda vinculada ao próprio nome possibilitava melhores condições de vida a essas mulheres, proporcionando condições econômicas para que pudessem romper relações matrimoniais – abusivas ou não – com a garantia de um autossustento, e ainda oferecendo uma nova perspectiva de vida aos filhos dessas trabalhadoras.

## **2. MULHERES, LUGAR(ES) E PODER**

*Apesar da revolução no consumo e da presença gradual da mulher no espaço público, a verdade é que esta ainda não está num espaço próprio, está em todos os lugares, mas não pertence a nenhum, nem à casa nem à rua, nem ao privado nem ao público.*  
(ANTUNES, p.16, 2015).

### **2.1 AS MULHERES DE FÁBRICA**

As mulheres possuem um papel relevante na rotina da pesca, tanto artesanal quanto industrial. No trabalho artesanal, a atividade das mulheres era considerada uma ajuda para a família e, principalmente, ao marido, ao invés de ser uma ocupação. (KUNIOCHI; COSTA, p.08, s/d).

Nas fábricas, no entanto, essa atividade passou a ser uma ocupação, mas para conhecer e compreender de forma mais ampla e profunda o cotidiano das mulheres trabalhadoras que davam vida à indústria do pescado em São José do Norte e, por consequência, o reflexo dessa atividade remunerada em suas vidas, é necessário que nos perguntemos antes de qualquer coisa: Quem são essas mulheres? Spolte e Silva afirmam que:

As trabalhadoras das fábricas de pescado são mulheres adultas com baixa escolaridade e alta taxa de fecundidade e começaram a trabalhar muito jovens, nas atividades de apoio à família na pesca artesanal ou nas fábricas de conserva de pescado. O elevado número de mulheres chefes de família que sustentam a casa, inclusive em alguns casos de mulheres casadas, cujos maridos encontram-se sem trabalho, devido principalmente à crise na pesca, a baixa escolaridade e a especialização dos homens no setor, demonstra a importância da atividade feminina nas fábricas para as famílias e a valorização que as mulheres atribuem ao seu trabalho. (p.07, 2013).

Logo abaixo, a Figura 4 exibe um grupo de mulheres tarefeiras elaborando camarões:



Figura 4: foto de um grupo de tarefeiras trabalhando em uma das fábricas de peixe do município. Fonte: arquivo pessoal e registro de Luiza Rosa, em 20 de fevereiro de 2019.

Em relação às entrevistas, posso afirmar que 62,5% das mulheres entrevistadas são de famílias ligadas à pesca tradicional ou são filhas de pessoas que já trabalharam nas fábricas. Essas mulheres contam com orgulho suas relações com o peixe: “Não tem peixe que eu não conheça”; “A gente separa o peixe no olho, a gente aqui do Norte conhece bem os peixe”; “Eles não gostam muito de pegar guria nova para trabalhar, por que elas não conhecem o peixe”; “Meu pai tinha parelha, a gente se criou com peixe”<sup>9</sup>.

A maioria das entrevistadas começou a trabalhar ainda muito jovem, e três delas alegaram ter começado a trabalhar com idade entre treze e quinze anos. Somente 10% das entrevistadas tinham dois ou menos filhos.

A tarefa (atividade exercida por todas as entrevistadas) era, em sua maior parte, exercida por mulheres. É inegável que a renda obtida por essas trabalhadoras sustentava suas famílias: “Eu sou casada, e eu e meu marido trabalhamos na fábrica”; “Fiquei viúva e com seis filhos para sustentar”; “Lá tem mulheres que são mãe e pai”; “A minha filha mais velha vem de vez em quando, para ajudar”; “é o serviço que tem, eu me contento, pelo menos eu tenho o que dar de comer pros meus filhos”<sup>10</sup>. Relatos como esses ajudam a

<sup>9</sup> Todos os trechos citados foram retirados de entrevistas realizadas.

<sup>10</sup> Todos os trechos citados foram retirados de entrevistas realizadas.

compreender a importância de uma atividade remunerada no cotidiano dessas trabalhadoras.

Para a maioria dessas mulheres, o trabalho na fábrica representava muito mais do que luta e busca por direitos iguais em uma sociedade capitalista e patriarcal, garantindo a manutenção básica da família: comida, água e moradia.

Eu trabalhei nas fábricas de peixe do Norte, escamava o peixe, limpava o peixe, fazia filé, descascava camarão, lavava o camarão, tirava o marisco de dentro da casca, limpava o lugar onde trabalhava, quando tinha pouco serviço a gente fazia caixa de papelão para embalar o peixe depois. Eu trabalhava na parte de trás, o escritório era na frente, era onde a gente recebia, na frente do escritório, do outro lado da rua, tinha a venda do Francisco Arona, eu comprava a comida pros meus filhos ali e ia pendurando, quando chegava no fim do mês eu recebia e já ia direto pagar. [...] Hoje, quando o Bufinha (filho primogênito e pescador) vem me trazer peixe eu já pego e limpo tudo numa tacada só, pois claro, a gente já é acostumado com isso. (Conceição Gautério da Silva, 76 anos, ex-trabalhadora das fábricas de peixe, atuou no município de São José do Norte e Rio Grande).

## 2.2 A fábrica: um espaço de tecnologia e poder

A racionalidade criada com a separação entre os proprietários e proprietárias dos meios de produção e os trabalhadores e as trabalhadoras impôs o reordenamento ou a lenta extinção das antigas relações sociais e assumiu uma das formas mais acabadas: a fábrica. (SILVA; MARTINS, p.26, 2016).

“A gente não tem hora para soltar”; “aquele setor tu passavas da manhã à noite dentro dos armários”; “para sair não tinha hora, às vezes uma hora da manhã, duas horas...” (trechos de entrevistas).

Como relatado pelas entrevistadas, o trabalho dentro das fábricas era realizado por tarefa, mas, para que houvesse uma tarefa, era necessária a chegada de um barco carregado. Através das narrativas das entrevistadas, elaborei o seguinte passo a passo:

Primeiro momento: o barco chega ao trapiche carregado;

Segundo momento: realização do descarregamento do peixe;

Terceiro momento: o peixe é levado para dentro da fábrica (pelas esteiras, para a sala de filetagem);

Quarto momento: realização da tarefa (que pode ser separar o tipo e/ou tamanho do peixe, limpar o peixe, filetar o peixe, separar o camarão miúdo do grande, abrir as conchas etc.);

Quinto momento: embalagem e estocagem para venda;

Conforme citado no primeiro capítulo deste trabalho, o material perecível deve ser elaborado junto à sua fonte, e essa elaboração não pode tardar muito

a ser feita, pois o produto pode estragar e gerar um prejuízo à fábrica. O que acontecia, então, é que a trabalhadora executava uma tarefa, recebia por ela, e, a princípio, cumpria seu horário de trabalho. No entanto, quando o barco chegava, era necessário que se fizesse a limpeza, separação e o devido acondicionamento do produto, assim, elas precisavam trabalhar até que a carga do barco fosse finalizada. As entrevistadas relatam que, se fossem embora, não seriam mais chamadas, ou seja, a liberdade para decidir seus próprios horários de trabalho, supostamente garantida por seus patrões, na prática, não era uma realidade para essas mulheres.

Muitas trabalhadoras afirmaram que chegavam cedo às fábricas e saíam tarde. No município de São José do Norte, podiam usufruir do intervalo para almoçar em casa, mas quando trabalhavam na cidade vizinha, Rio Grande, levavam a comida e faziam todas as refeições (café da manhã/almoço/café da tarde) em refeitórios, passando o dia inteiro dentro das fábricas. Portanto, não seria importante saber que espaços eram esses? Como eram essas fábricas? Onde ficavam essas trabalhadoras?

Na Figura 5, podemos observar a planta baixa da Frigoria Indústria e Comércio do Frio S.A.:

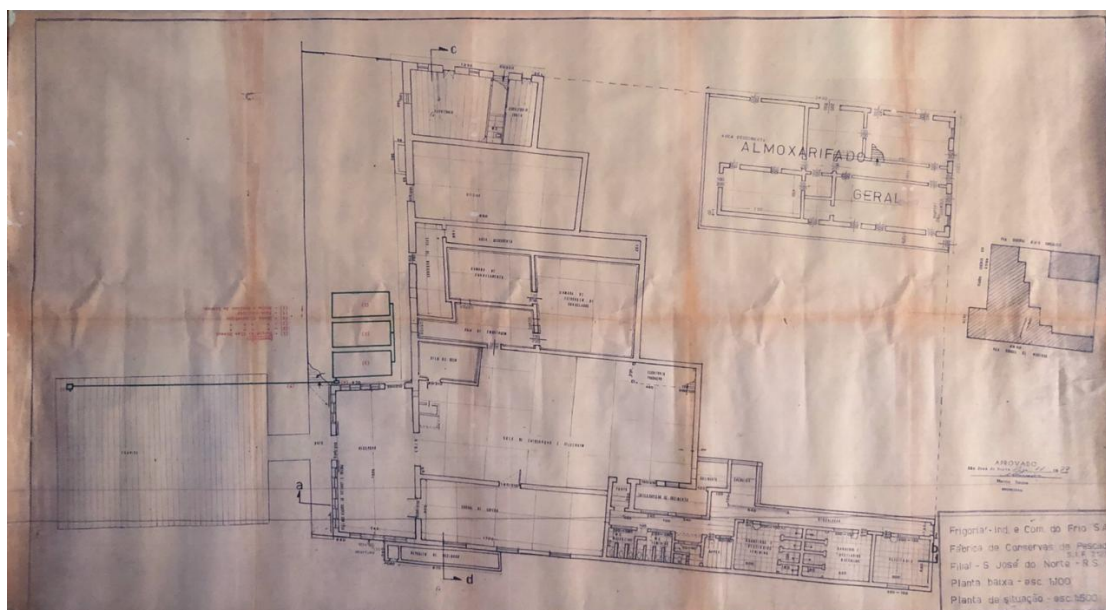


FIGURA 5: Foto da planta baixa da fábrica Frigoria Indústria e Comércio do Frio S.A., escala 1:100, localizada no município de São José do Norte. Registro de Luiza Rosa, em 25 de outubro de 2019.

A próxima imagem (Figura 5.1) é um recorte da imagem anterior, para que possamos observar melhor a sala descrita na planta baixa como “sala de evisceração e filetagem”. Era nessa sala que as tarefeiras trabalhavam sob luzes artificiais que, com a ausência de janelas, faziam as trabalhadoras perderem, inclusive, a noção do dia e da noite.

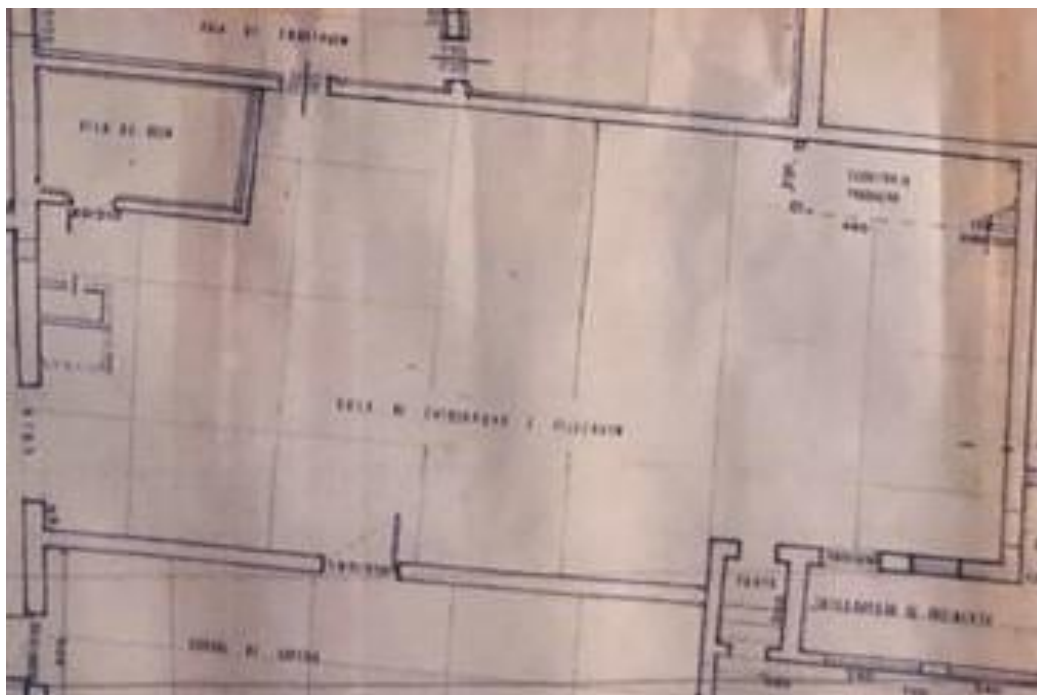


Figura 5.1: Recorte da figura anterior com foco na “sala de evisceração e filetagem”.

Sabemos que os elementos materiais não humanos têm poder de induzir, direcionar, motivar, possibilitar, ou impedir ações e condutas. Assim, a arquitetura dessas fábricas foi projetada tendo em vista estas questões, ainda que seja preciso lembrar que nem sempre ações e/ou reações sejam sempre intencionais. A demarcação do espaço determinava onde a tarefa deveria estar sem que ninguém precisasse dizer a ela, e até seus banheiros ficavam próximos à sala de trabalho. A fábrica como tecnologia de poder é um lugar pensado para demarcar limites, estabelecer hierarquias e determinar funções e tarefas a serem desenvolvidas. Logo, a estrutura fabril influenciava diretamente a produção, o ritmo de trabalho e o modo de agir dessas mulheres.

O trabalho dito “feminino” dentro das fábricas estava diretamente ligado às tarefas exercidas pelas mulheres no âmbito familiar, ou seja, na indústria do peixe, as trabalhadoras tinham tarefas, em geral, ligadas à seleção e à preparação de produtos perecíveis, diferentemente das tarefas sob responsabilidade masculina, como a pesca e o descarregamento dos barcos: “eles saem mar afora” (trecho de entrevista) e fazem o trabalho “pesado”.

O espaço do homem é representado pelo barco, que viaja, que descobre, que busca e traz mantimentos (homem provedor). Já o espaço da mulher é representado pela fábrica, em especial, pela sala de tarefa (onde se elaborava o produto), fechada, ocupada por outras mulheres, fedida, invisível, desconfortável, esquecida (um espaço que remete à mulher auxiliadora). Nesse sentido, Costa compreende que a arquitetura

“opera no sentido de reforçar o patriarcado e as tecnologias de gênero que atuam na construção da domesticidade feminina, mantendo o status quo dominante. Ora, o seu

registro arquitetônico constitui um dispositivo de dominação patriarcal. Saliendo, entretanto, que a ordem social da arquitetura é possível de ser burlada. Pois ao mesmo tempo em que a arquitetura impõe uma lógica de poder, ela também pode ser modificada pelas mulheres operárias, que podem vir a utilizar o seu próprio ordenamento para subvertê-la, como uma forma de resistir.” (p. 47, 2017)

A seguir, apresento um trecho de uma entrevista realizada por mim, no dia 25 de maio de 2019. Para preservar o nome da entrevistada, a denominarei como X:

Eu: a fábrica é um espaço muito frio, vocês chegavam a ter problemas de saúde por ficarem muito tempo expostas a baixas temperaturas?

X: não, não.

Eu: nem mesmo cólicas?

X: ah isso sim, um dia me botaram para desmanchar um curral<sup>11</sup> de peixe, que era assim, cheio de gelo, eu fiquei assim na miséria de cólica.

Eu: quando isso acontecia vocês podiam ir para casa? Por conta das dores?

X: Que ir embora? Da onde? Tinha que ficar lá de **castigo**.

[...]

X: quando eu não ia trabalhar, quando eu chegava atrasada no serviço, eles me botavam de **castigo**, nesses curral de gelo que eu te falei, para ficar tirando o peixe. (grifos meus).

Podemos observar algumas formas/estratégias de controle das fábricas sobre as trabalhadoras, como: salas de trabalho isoladas e a execução de tarefas extremamente desagradáveis como forma de castigo. Em Vigiar e Punir, Foucault discorre sobre como o uso de poder, sanções e punições (castigos) atuam na disciplina dos corpos, e essa disciplina dentro do espaço fabril pode ser compreendida como uma maior, ou melhor, produção. Ou seja: as funcionárias disciplinadas não se atrasavam nem demonstravam interesse em ir embora antes do fim da elaboração do pescado, não reclamavam do serviço (descrito por uma entrevistada como o “serviço que calhasse”), conheciam o produto e o manipulavam com prática e agilidade, realizando assim um número significativo de tarefas.

Isso se refletia na produção das fábricas, pois uma maior produção e, principalmente, uma produção rápida e de qualidade são sinônimos de lucro, isto é, a fábrica atingindo seu objetivo máximo. Dessa forma, a funcionária

---

<sup>11</sup> Segundo a entrevistada, forma-se o curral de gelo quando as câmaras frias estão lotadas. Sem ter onde armazenar mais peixes, as fábricas improvisavam esse curral, constituído por camadas de gelo e peixe intercaladas, no chão mesmo. Quando se conseguia espaço nas câmaras frias, era necessário desmanchar esses currais para acondicionar de forma correta os peixes.

disciplinada não precisava passar por castigos, ficava longe do curral e sempre era chamada para trabalhar na fábrica, sendo reconhecida como uma “das boas”, reputação que atravessava a Lagoa dos Patos chegando até as fábricas de Rio Grande, onde as funcionárias do Norte eram consideradas mais trabalhadoras, segundo as entrevistas. Essas funcionárias são exemplos de corpos descritos por Foucault como dóceis, corpos que podem ser submetidos, utilizados, transformados e aperfeiçoados.

Em outra entrevista, uma ex-funcionária relata que “existia muito de se prostituir lá dentro” (dentro da fábrica), nesse sentido, é essencial pensar como a arquitetura, uma arte até aquele momento exercida, em geral, por homens brancos, heterossexuais e cisgêneros, foi utilizada na disciplinarização e também na vigilância dos corpos femininos, o que pode ser facilmente observado na Figura 5.1: concentrar trabalhadoras auxiliava no controle e na vigilância das mulheres, pois, se elas fossem dispersas pela fábrica, vigiá-las seria mais difícil. Distribuídas, teriam mais chances de fugir, se esconder, e, com menos olhares vigilantes, inclusive a prostituição se tornava mais fácil/praticável.

Outro ponto que saliento aqui é que, ao longo de toda a pesquisa, não soube de nenhuma mulher que exercesse a função de capataz: supervisor da tarefa, o capataz era homem.

A divisão espacial da fábrica é extremamente marcante. Em geral, nas plantas, os escritórios (onde se dedicavam à burocracia da fábrica) eram separados do local onde era realizada a tarefa, ou, quando não eram fisicamente separados, os escritórios encontravam-se na parte da frente, e a sala de tarefa e acondicionamento na parte de trás.

O escritório era um espaço que se contrapunha à sala da tarefa, em geral, grande, fechada, cheia, mal cheirosa e ocupada basicamente por mulheres. Nele, o ambiente era menor, arejado, limpo, cheiroso, ocupado por um número de funcionários pequeno e, em sua maioria, homens.

As fábricas dispunham de banheiros e, obviamente, estes eram separados, ou seja, os banheiros junto aos escritórios contavam com vasos sanitários e cubas de pia, destinados aos funcionários daquele espaço, enquanto as tarefeiras dispunham de outros banheiros, divididos entre e femininos e masculinos. Além disso, nos banheiros das tarefeiras, se fazia presente um item que não era encontrado nos banheiros dos escritórios: o chuveiro.

Outro espaço que tem um forte significado e reflete não só a hierarquia dentro das fábricas, mas também seus dispositivos de opressão, é o curral, que nem sempre aparece nas plantas baixas, uma vez que é um espaço construído e desconstruído mediante a necessidade de armazenamento. Quando aparece, no entanto, localiza-se depois da sala de recepção. Ao lado da sala de filetagem, e atrás de sua parede lateral, encontravam-se os banheiros dos tarefeiros.



## 2.3 O tempo e a divisão sexual do trabalho

Ao longo da história, o homem tem dominado todas as áreas profissionais e do conhecimento e, na exclusão da mulher, esta é a forma mais universal de diferenciação entre os sexos visto que afeta metade da população mundial. (ANTUNES, p.73, 2016).

Na pesca artesanal, os trabalhadores e trabalhadoras estavam adaptados a um padrão de trabalho que “alternava momentos de atividade intensa e de ociosidade quando os homens detinham o controle de sua vida produtiva” (THOMPSON, p.282, 1998). Essa prática considera a autonomia dos profissionais, a safra dos peixes e crustáceos, o tempo necessário para reparos nas redes e embarcações.

Quando as mulheres passaram a trabalhar para a indústria pesqueira, suas rotinas mudaram: elas começaram a desempenhar outro papel dentro do lar, pois agora também se tornaram provedoras de renda, e assumiram um papel dentro da fábrica, tendo de trabalhar de acordo com o relógio, sob a máxima “tempo é dinheiro”. Dentro desse espaço, operando sob um sistema capitalista, o conhecimento tradicional e a experiência das trabalhadoras com a pesca artesanal não as diferia de outros trabalhadores e trabalhadoras.

Historicamente, no município de São José do Norte, as famílias subsistem do cultivo da cebola e

Nas comunidades pesqueiras pratica-se a pesca artesanal, que caracteriza-se por ser uma atividade de pequena escala, e apresenta uma visível divisão sexual e social do trabalho: os homens praticam a pesca de alto mar enquanto as mulheres se ocupam de tarefas em terra. (KUNIOCHI; COSTA, p.06, s/d)

As tarefas em terra, responsabilidade das mulheres dentro dessa estrutura da pesca artesanal, vão além das atividades domésticas: quando os homens (sejam eles pais, irmãos ou maridos) chegam com os barcos da pesca em alto mar, a mulher participa ativamente na elaboração do peixe, ou seja, as mulheres que vivem nas comunidades pesqueiras têm uma íntima ligação com o pescado, conhecem as espécies, sabem selecionar por tamanho, limpar, filetar, acondicionar e algumas sabem, inclusive, auxiliar na manutenção das redes.

É importante ressaltar que as crianças também executam tarefas realizadas em terra, mas apenas homens realizam atividades fora do lar, no caso, a pesca. Logo, dentro dessa estrutura, é a posição deles que tem maior destaque e isso é reforçado e observado nos discursos: “Discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, p.163, 2002).

Mas de quem são os corpos que reforçam esses discursos de superioridade masculina e, por consequência, de inferioridade e invisibilidade feminina? Segundo as entrevistas, pude observar que são corpos de ambos os sexos: não só homens perpetuam um discurso de liderança, chefia familiar, mas também muitas mulheres se reconhecem e se descrevem através de uma posição de auxiliadora, ajudante, pois desde a infância concebem o que fazem em casa como uma obrigação, não um trabalho.

No entanto, como apontam Kuniochi e Costa,

desde a década de 1990, a pesca artesanal tem passado por uma séria crise [...] isso tem engrossado uma forte migração das pequenas localidades para a sede do município de São José do Norte. Na cidade, a familiaridade com a pesca favoreceu o trabalho das mulheres nas fábricas de peixe. (p.06, s/d).

Fatores como conhecimento do produto e experiência com a tarefa de elaboração do peixe justificavam a preferência das fábricas por essas trabalhadoras. “Tem fábrica que não contrata guria assim, novinha, que não sabe, que tem que aprender tudo, mas quando contrata a gente aqui mesmo ensina, a gente mostra, pega rapidinho” (trecho de entrevista).

“Importante ressaltar que o tempo é utilizado diferentemente por mulheres e homens” (LEITÃO, p.106, 2013), mesmo que ambos realizem uma atividade remunerada fora de casa, uma vez que as atividades domésticas não remuneradas e invisibilizadas são atribuições das mulheres, pois

Na lógica do sistema capitalista, no que concerne à divisão sexual do trabalho, se estabelece uma hierarquia: aquele realizado por homens é tomado como mais importante do que o trabalho realizado por mulheres, que corresponde, em grande parte, às atividades exercidas no espaço doméstico. Ao mesmo tempo em que esse trabalho é invisibilizado e desvalorizado – e, muitas vezes, nem sequer é visto como um trabalho, já que é encarado como uma obrigação da mulher –, ele é essencial para a manutenção do sistema capitalista. (COSTA, p.49, 2017)

E mesmo fora do lar,

A presença das mulheres no trabalho produtivo e remunerado está marcada pelas atividades exercidas e apreendidas no trabalho reprodutivo realizado no espaço doméstico e inclui os serviços ligados aos cuidados de higiene e limpeza, de assistência aos filhos e aos idosos e à alimentação familiar. Situação que representa a condição histórica em que o gênero, entendido como uma construção social do feminino e do masculino, é fator determinante para a participação de mulheres e de homens em determinadas ocupações, constituindo-se na divisão sexual do trabalho. Historicamente, as mulheres ocuparam postos de trabalho nos setores de serviços, como educação, higiene e preparação de produtos alimentícios. Na indústria, as mulheres ocuparam postos de trabalho nos setores têxteis, de vestuário e de fabricação de alimentos. (SPOLLE; SILVA, p.01, 2013)

O trabalho disponível às mulheres é considerado mais fácil, mais leve, e, dentro do sistema patriarcal<sup>12</sup> capitalista ao qual estamos inseridos, a mulher é idealizada como frágil, delicada e fraca. No entanto,

Poder-se-ia pensar que mulheres e crianças desempenham certas tarefas porque, de fato, estas são “leves” por sua própria natureza. Mas não é bem assim. Na verdade, qualifica-se o trabalho em função de quem o realiza: são “leves” as atividades que se prestam à execução por mão-de-obra feminina e infantil. Importa destacar que essa classificação está associada a diferentes remunerações: maior para o trabalho “pesado”, menor para o trabalho “leve”, mesmo que ambos demandem o mesmo número de horas ou que o esforço físico exigido por um tenha como contraponto a habilidade, a paciência e a rapidez requeridas pelo outro. O que determina o valor da diária é, em suma, o sexo de quem a recebe. (PAULILO, p.03, 1987)

Pode-se compreender que esse papel colaborativo designado às mulheres, em um primeiro momento, no cuidado da casa, dos filhos, das roupas do marido e afins, reflete diretamente, em um segundo momento, sobre as tarefas que as mulheres desempenharão fora do lar. Logo, como o trabalho doméstico não é reconhecido como um trabalho e não é remunerado, se tem uma ideia de que as mulheres não trabalham, então, quando ocupam vagas remuneradas fora de casa, ainda estão à sombra desse papel colaborativo. As mulheres são vistas como inferiores, auxiliares, e não como profissionais, e isso se reflete nas funções que exercem, nas condições de trabalho e nos baixos salários:

“Quando as mulheres trabalham como assalariadas no âmbito de espaço público, estão nas atividades informais, temporárias ou em setores de atividades formais de baixa remuneração e são consideradas como força de trabalho secundária, ainda que as evidências empíricas demonstrem que o trabalho de muitas sustenta famílias.” (SPOLLE e SILVA, op. cit., p. 02).

“A construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina” (SPIVAK, 2010), por isso, a presença dessas mulheres nas fábricas não pode ser compreendida como uma ocupação natural, pois só se justifica por fatores de desigualdade e subalternidade: a mão de obra feminina é mais barata às fábricas e as condições econômicas dessas mulheres são extremamente debilitadas, falando-se aqui de mulheres que trabalham para sobreviver.

O trecho a seguir é parte da entrevista realizada com Guaracy Ferrari, ex-gerente da empresa Frigoria, e ajudará a compreender de forma simples e direta a situação econômica dessas trabalhadoras:

Interessante é que na época da Frigoria uma firma comprou a empresa do Darci Saraiva (Saraiva & Santos) e fizeram a Confrío. A Confrío dava leite para os funcionários, café com recheada, tudo direitinho. A Frigoria não, só que tinha

---

<sup>12</sup> “O patriarcado é o sistema base do pacto social, pois o contrato social é também sexual e assegura a dominação dos homens e a sujeição das mulheres, portanto é público e privado.” (SILVA; MARTINS, op. cit., p.27).

uma diferença: a Confrio pagava por semana e a Frigoria pagava toda hora. Tinha gente que chegava lá e não tinha dinheiro nem para o pão da manhã, ia lá fazia uma tarefa, ia no escritório entregava a ficha e pegava o dinheiro. Então ia comprar o primeiro pão para a família. Mas a Confrio só no fim da semana, então o que acontecia: muitos iam na Confrio, tomavam o café e depois atravessavam a rua e iam trabalhar na Frigoria. (Entrevista com Guaracy Ferrari, ex-gerente da Frigoria, realizada em: 31/08/2019).

Tanto na pesca artesanal como na indústria do peixe existem divisões sexuais do trabalho, e na fábrica também encontravam-se homens tarefeiros, no entanto, dentro da própria tarefa, existia uma divisão: os homens, em geral, carregavam banheiras de peixe até as esteiras e depois carregavam novamente essas banheiras após a elaboração do material, raramente realizando junto às mulheres a atividade de elaboração e limpeza do material e do local de trabalho.

### **3. As mulheres do Norte**

*meu recado às mulheres  
contem suas histórias  
descubram o poder  
de milhões de vozes  
que foram caladas  
por séculos.  
Ryane Leão*

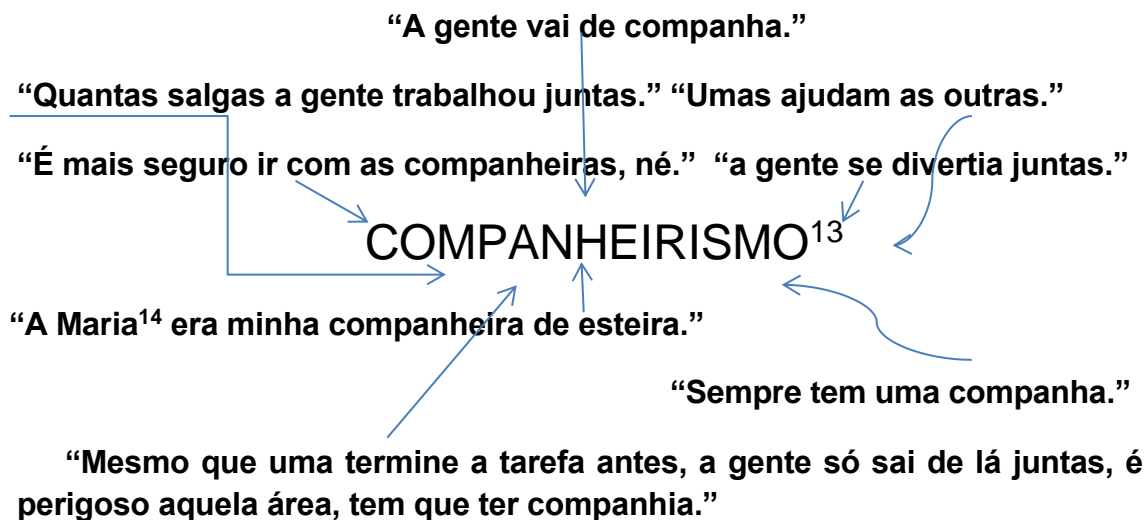
Algumas das entrevistadas deste trabalho, que residiam em São José do Norte, atuaram tanto nas fábricas do município como nas fábricas situadas no município de Rio Grande. Quando trabalhavam na cidade vizinha, no entanto, eram chamadas pelas outras trabalhadoras (em geral, residentes de lá) de “Mulheres do Norte”, denominação que, para elas, era motivo de orgulho, pois eram consideradas “mais trabalhadoras” pelas empresas.

Segundo os relatos das entrevistadas, as fábricas davam preferência às mulheres do Norte, que eram as primeiras a entrar. De acordo com uma das mulheres entrevistadas: “o capataz da Pescal, ele tinha o meu número, chegava o barco, ele via quanto de peixe tinha, já me ligava e me dizia preciso de vinte do Norte, eu chamava as guria e a gente ia, era certo que a gente entrava pra tarefa naquele dia, a gente aqui do Norte não escolhe o serviço”.

As mulheres do Norte foram, assim como as demais mulheres proletárias do mundo, exploradas pelo sistema capitalista ao longo de suas vidas inteiras, e essa exploração não começava na fábrica. “Na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência” (FEDERICI, p. 34, 2017), logo, compreendo que a exploração feminina começa no âmbito familiar, através de um corpo apropriado pelo Estado e pelos homens, cuja principal função é a reprodução, seguida por atividades de manutenção do lar e da família.

O que defendo aqui é o que já foi defendido inúmeras vezes por inúmeras autoras, como Kuniuchi e Costa (s/d), Rago (2004), Federici (2017), Costa (2017), entre tantas outras: apesar de estarem em condições de subordinação e exploração e sob infinitas formas de violência, as mulheres resistem, e resistem de diversas formas. As mulheres proletárias construíram trajetórias que vão além das condições citadas acima, e é sobre essas trajetórias, sobre esse resistir, que busco refletir agora.

Como elas resistem? Por suas próprias narrativas. Afirmo que de múltiplas formas, mas defendo que o companheirismo é a principal estratégia de resistência dessas trabalhadoras. Ao longo das entrevistas, a palavra companheirismo, ou palavras derivadas desta ou que remetem a ações e atitudes que a demonstram, fizeram-se presentes em todas as conversas que tive com as entrevistadas. Isso me possibilitou perceber alguns modos de resistência.



Nas frases acima, podemos observar algumas estratégias de resistência que demonstram consciência e planejamento, como quando as mulheres se organizavam para ir e voltar das fábricas em grupos (principalmente quando iam trabalhar em Rio Grande). Outras estratégias, mesmo que “inconscientes”, também fortaleciam essas mulheres.

Através do contato direto com elas, da observação e da repetição no que se refere a assistir, ouvir e reler transcrições das entrevistas, me deparei com diversas formas de violência que chegavam até essas trabalhadoras. Essas violências podiam ser diretas ou indiretas e atravessavam o espaço lar/fábrica, chegando até as mulheres de diversas formas: através de seus companheiros, de seus patrões ou supervisores (capatazes), de outras mulheres (podendo partir de colegas, mas, em geral, de mulheres que não ocupavam as fábricas,

<sup>13</sup> As frases relacionadas aqui são trechos de algumas entrevistas.

<sup>14</sup> Nome fictício utilizado para preservar o nome da trabalhadora.

afinal, as trabalhadoras eram vistas pelas demais como “fedidas e esparrentas”), e também através da sociedade/estado no que se refere à maternagem<sup>15</sup>.

“Afinal, como a mãe que trabalha o dia todo em uma indústria poderia cuidar devidamente de seu filho, impedindo-o de decidir seus próprios atos e certamente de cair nas malhas fatais da delinquência e da criminalidade?” (RAGO, p.181, 2004). A responsabilidade materna que é imposta sobre as mulheres é uma forma de violência que atinge intensamente as trabalhadoras. Essas mulheres demonstram, através de suas narrativas, preocupações com os filhos, que muitas vezes ficavam aos cuidados de tias, primas ou irmãs e irmãos mais velhos. O que se observa de forma clara, sobre os filhos dessas operárias, é que eles não são, em momento algum, responsabilidade de seus pais. Nesse sentido, “a luta das mulheres na concepção libertária, deve passar pelo questionamento das relações que se estabelecem no cotidiano, tanto no interior da família quanto na fábrica.” (ibid., p. 99).

A casa é o primeiro espaço de dominação e subordinação das mulheres, e o que estas enfrentam para além das dependências do lar, em suas atividades remuneradas, é um reflexo dessa primeira violência. Por isso, “a questão da libertação feminina não se limita à operária” (ibid., p.98) e “a emancipação da mulher há de ser obra dela própria” (ibid., p.106), pois a subalternização e inferiorização das mulheres servem aos homens e ao capital. Logo, não partirá destes uma reforma que defenda direitos e deveres iguais entre feminino e masculino.

Dentro do espaço da fábrica, essas trabalhadoras eram, em geral, supervisionadas por capatazes do sexo masculino que fiscalizavam a elaboração do peixe e o rendimento das funcionárias, no entanto, havia um local específico dentro das fábricas que não deveria ser de acesso livre aos homens (utilizo a palavra “deveria”, pois as narrativas das trabalhadoras sugerem que essa invasão masculina poderia ocorrer a qualquer momento): o banheiro feminino. Neste, as mulheres tiravam cochilos se cumpriam jornadas abusivas e não podiam sair da fábrica enquanto o material não estivesse elaborado ou devidamente acondicionado. O sono, no espaço fabril, é sim uma forma de resistir. Ainda no banheiro feminino, as fumantes encontravam um espaço para burlar as regras, novamente resistindo às imposições.

A estrutura das fábricas fala por si, havia uma divisão espacial marcante entre os escritórios, onde era realizada a parte burocrática e onde se observava uma inversão dos funcionários, ou seja, estando presentes mais homens – inclusive os homens entrevistados para este trabalho ficavam nessa parte das fábricas –, e a área onde se encontravam os produtos perecíveis. Em minha

---

<sup>15</sup> Segundo a pediatra Thelma B. de Oliveira, corresponde ao processo de criação que gira em torno da mãe, disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2013/07/o-que-e-maternagem>>.

análise, isso se justifica por dois motivos: o primeiro é que o cheiro do peixe é forte (e os funcionários do escritório não gostariam de sentir esse cheiro); e o segundo é a hierarquia das fábricas, uma vez que os gerentes não se inseririam nos espaços das tarefas, muito menos o contrário se daria.

Assim, as tarefas só tinham acesso a uma parte dessa área que eu chamo de escritório – pois foi assim que uma entrevistada descreveu – quando recebiam. O que gostaria de destacar aqui é que tudo nas fábricas era separado entre os funcionários avulsos (responsáveis pela tarefa) e os proprietários e funcionários fixos, inclusive o banheiro.

Durante a pesquisa, em uma de minhas idas à área onde ficavam as fábricas, fui acompanhada por uma ex-tarefa, que aqui será conhecida como tarefa Y. Quando chegamos lá, encontramos uma das portas da fábrica aberta (não citarei o nome da fábrica, pois não tínhamos permissão legal para entrar no espaço), e de imediato decidimos entrar, passeando por toda a fábrica. A tarefa Y me contou algumas histórias, me mostrou onde ficavam as esteiras na sala da tarefa, o refeitório, os banheiros e afins, e, em seguida, fomos até a parte da frente, que ela denominou escritório, me mostrando onde recebia.

Caminhamos por outras salas, algumas desconhecidas também por ela, encontrando um cofre fixado ao chão e também banheiros no escritório, sendo que um, especificamente, a tarefa Y utilizou naquele momento pela primeira vez. Essa história é, para mim, uma das mais significantes deste trabalho: antes de tudo, uma expressão de rebeldia, uma invasão, uma afronta ao patrão, pois mesmo que este não estivesse ali, era representado pelo próprio espaço. Um local que, embora industrialmente falando esteja desativado, ainda é ativo na memória da cidade e principalmente na de quem trabalhou lá.

Essa história serve ainda como uma contribuição para romper com esse imaginário da mulher doce, meiga e colaboradora. As mulheres trabalhadoras são fortes, donas de si e impetuosas.

#### 4. MULHERES E VIOLÊNCIA(S) - Capítulo Audiovisual

*No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.*

(Carlos Drummond de Andrade, 1928).

Este capítulo apresenta, através de um vídeo<sup>16</sup>, trechos que refletem as diversas formas de violência enfrentadas pelas mulheres que trabalharam nas fábricas de peixe dos municípios de São José do Norte e Rio grande. Essas frases foram ditas por mulheres entrevistadas durante a realização desta pesquisa que, em geral, preferem manter o anonimato. Foram propositalmente gravadas, com uma exceção, por vozes masculinas, nada é por acaso.

Que esse vídeo cause inquietação e indignação a todos que o assistirem, ou ao menos que cada indivíduo possa refletir sobre os abusos, dificuldades e violências (sim, plurais) que as mulheres trabalhadoras sofrem, seja por parte dos homens, por parte de mulheres que não trabalham ou até mesmo por parte delas próprias.

Listagem completa das frases presentes no vídeo:

1. Eu comecei a trabalhar na fábrica, eu tinha uns treze anos. (Gravado por: Natália Tavares)
2. Para sair não tinha hora, às vezes uma hora da manhã, duas horas... (Gravado por: Webstter)
3. Depois que eu me casei custei muito para voltar para a salga, por causa dos filhos, porque meu marido não me deixava trabalhar. (Gravado por: Gabriel Marx)
4. Eu prefiro muitas vezes eu tá lá, tá no frio ou tô passando trabalho ou tô escutando o que não devo, mas eu tô satisfeita porque eu sei que eu vô pra lá, mas eu vô tê o que bota na mesa pro meus filho. (Gravado por: Gleidson Godoi)
5. O serviço não era sempre certo, a gente ficava na fila, eles iam escolher quem ia trabalhar, quem não passava ia embora e vinha tentar de novo no outro dia. (Gravado por: Yuri Pinto)
6. Eu tinha muitas cólicas menstruais, era muito frio, tinha dias que tinha que ir para casa. (Gravado por: Cleotavio)
7. Com quinze anos de idade eu fui na fábrica pedir uma vaga. (Gravado por: Jeder)
8. Peguei ontem oito horas da manhã e vim hoje sete e meia da manhã. (Gravado por: Guilherme)
9. A gente não tem hora para soltar. (Gravado por: Jaiur)
10. O problema é que a peixeira é mal vista. (Gravado por: Douglas)
11. Então se a gente está lá tem que ficá, nem o guarda te deixa sair, eles fecham a porta. (Gravado por: Armando Troina)

---

<sup>16</sup> Esse vídeo não possui qualidade profissional. As vozes foram gravadas por diferentes pessoas, em geral com seus aparelhos de telefone celular, dessa forma, o áudio do vídeo não possui uma qualidade padrão, nem som regular. No entanto, esse projeto de pesquisa não usufruía de verba para a realização do vídeo em um estúdio.



12. O serviço era o serviço que calhasse. (Gravado por: Thierlly)
13. Lá tem mulheres que são mãe e pai, mulheres que fazem qualquer negócio. (Gravado por: Filipe Figueiredo)
14. Quando eu saí de lá descobri que tinha uma aposta minha com um engradado de cerveja, que antes de sair de lá eu iria dar para um deles. No último dia o encarregado contou, eu ainda disse: não pensava que valia tão pouco. Tu trata bem, ri, conversa, mas tem que se cuidar. (Gravado por: Igor)
15. A minha mãe, eu acho, que nunca trabalhô como eu, entendeu? O máximo da minha mãe era dentro de casa. (Gravado por: Newan Souza)
16. Mas o meu encarregado era tão cara de pau que ele entrava no banheiro com as mulheres, andava chapadão, mas comigo nunca meteu a mão. Eu dizia para as gurias: o dia que eu estiver no banheiro e ele levantar minha roupa faço um escândalo que vai entrar sindicato aqui dentro. (Gravado por: Murilo Barcelos)
17. Na rua também, mulher de fábrica ela é bem esparrenta, bem assim esparrenta, qualquer uma, tanto faz a dona de casa como a garota que tá ali pra trabalhá, mais é uma garota, entendeu? A gente ganha pouco mais é alegre. (Gravado por: Anderson Gomes)
18. Tinha um homem que era muito malandro, só gostava de se deitar nas mulheres, ele mesmo não gostava de fazer nada, um dia eu discuti com ele. (Gravado por: Vitor)
19. Sempre gostei de tê o meu dinheiro. A gente não era dessas de que depende de homem que não tem. (Gravado por: Felipe Aurélio)
20. Quando a gente fazia muito serão voltava junta, quando pegava muito cedo ia junta, sempre de companhia. (Gravado por: Jefferson)
21. Eu parei de trabalhar quando a minha neta nasceu, a mãe era professora e não tinha quem cuidasse, então eu parei de trabalhar na salga para cuidar dela. (Gravado por: João Pedro)
22. Tu não podes dizer assim: eu não posso porque tenho filho pequeno. Tu és obrigada a ficar, porque se não depois não ti chamam pra trabalhar, ninguém te chama. (Gravado por: Wendel Gibbon)
23. Na primeira semana que trabalhei fiquei quarenta dias (sic) sem ver os filhos acordados. (Gravado por: Lucas Sá)
24. Tem muito de se prostituir lá dentro. Eu nunca me prestei a isso. A fábrica te possibilita isso... Não tem beleza nem nada, eles jogam a lábia se cair, pronto. Às vezes dava uma peixeira ou outra lá correndo atrás do encarregado, porque não aceitavam as cantadas, piadas. (Gravado por: Diego Hungria)
25. Aquele setor tu passavas da manhã à noite dentro dos armários. Chegava a sair fumaça de gelo. Não tinha condições, eu menstruava muito e no fim eu tive que entrar num linguajar senão os capatazes não te entendem. (Gravado por: Edson Carinha).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.*

*Simone de Beauvoir*

As mulheres sempre tiveram um papel fundamental na pesca, seja ela familiar ou industrial. Elas não são auxiliaadoras, ajudantes, nem contribuintes, mas protagonistas, e sem o ofício de elaboração exercido por essas trabalhadoras, a atividade não seria a mesma.

A pesca artesanal precisa de um núcleo familiar para acontecer. De fato, o homem sai mar a fora ou mar adentro para pescar, no entanto, a mulher que fica em terra cuida da casa, dos filhos, da elaboração do peixe quando os barcos atracam. Aqui, a mulher não é uma auxiliar, é uma chefe de família que realiza incansáveis atividades, uma trabalhadora, e a atividade que ela executa agrega um valor maior ao produto que é comercializado pela família. Um exemplo disso é o camarão, uma vez que, no ponto forte da safra, o camarão limpo (sem casca, limpo pelas mulheres) chega a ser comercializado pelo dobro do valor do camarão sujo (com casca).

Na indústria, as mulheres exerciam atividades de elaboração conhecidas e dominadas por grande parte das funcionárias. Muitas trabalhadoras eram as principais responsáveis pelas despesas de suas casas e filhos, ou eram mulheres separadas, viúvas, mães solteiras, casadas com maridos desempregados ou com outros tarefeiros. Eram, sobretudo, mulheres que não podiam parar de trabalhar.

Por isso, afirmo que essas mulheres buscavam dentro das fábricas coisas muito mais básicas do que a luta por igualdade de gênero. Como relatado por um dos entrevistados para este trabalho, algumas funcionárias precisavam trabalhar para ter condições financeiras de comprar a primeira refeição do dia para si e seus familiares.

Essas mulheres eram diariamente expostas a violências e necessidades múltiplas, tendo uma renda baixa, um número elevado de filhos e pouca escolaridade. Eram mão de obra barata, seus conhecimentos específicos sobre manipulação do peixe não tinham valor para além da contratação nas fábricas, desde sua infância experimentaram dentro do lar um papel de colaboradora que era vivenciado novamente no espaço fabril.

No entanto, essas mulheres, através de suas estratégias de resistência, fosse por meio da ocupação e permanência dentro das fábricas, fosse pelo companheirismo ou pela ousadia com o qual encaravam um trabalho árduo, colaboraram de forma direta – somadas a tantas outras trabalhadoras – na luta

por direitos iguais, por um espaço de trabalho que não invisibilizasse as mulheres e não as ameaçasse por seu gênero, por direitos que assegurassem carteira assinada, férias, plano de saúde, por licença maternidade e tantas outras necessidades que são enfrentadas por quem presta serviços. Assim,

torna-se cada vez mais caloroso o debate em torno das desigualdades de gênero em nossa sociedade e no mundo. As mulheres se organizam cada vez mais na tentativa de conquistar seus direitos num espaço predominantemente masculino. Certamente essas desigualdades permanecerão enquanto o sistema patriarcalista perdurar. Como parte do inconsciente coletivo, a tendência é que as gerações futuras venham a herdar a milenar dominação masculina sobre a mulher. Porém, como vimos, o mito da fragilidade feminina não se sustenta mais. Vemos a emergência do feminino com força total em suas reivindicações e conquistando cada vez mais espaço em nossa sociedade. (RIBEIRO, p.486, 2011).

As trabalhadoras revelam em suas narrativas dois pontos que chamam a minha atenção: narram com orgulho suas atividades realizadas dentro da indústria da pesca e se orgulham de terem participado desse processo, o que eu defino como dar vida à fábrica, no entanto, não desejam aquele espaço de trabalho às suas filhas.

A fábrica, assim como a casa, atua em um processo de disciplinarização das mulheres. O espaço e a arquitetura dentro das fábricas eram utilizados como dispositivos de controle sob as trabalhadoras com o intuito de impedi-las de abandonar a tarefa antes da finalização do material perecível, e a concentração das tarefas no mesmo espaço pode ser considerada, inclusive, uma forma de tentar conter a prostituição dentro das fábricas.

Porém, se existem formas de tentar impor regras, dominar e controlar mulheres, existem também formas de burlar regras, estratégias de resistência e luta frente à dominação e à exploração masculina, como demonstram os trechos de entrevistas a seguir: “ah, eu ia para o banheiro e me escondia”; “não podia fumar, eu ia para o café e me escondia para fumar meu cigarrinho”; “a gente ia junta e voltava junta”; “a nois fizemos amizade com os encarregados, a gente fazia festa com eles, ía pros barcos, a gente comia churrasco”.

No espaço fabril, uma preocupação comum de grande parte das funcionárias eram os filhos, por isso, a união dessas mulheres ia muito além dos muros das fábricas, cuidando umas dos filhos das outras. Um irmão mais velho “olhava” o irmão mais novo e o filho da vizinha, e se uma delas não trabalhava um dia ou se estava desempregada, ajudava as demais com seus filhos.

Não há dúvidas de que essas mulheres eram fortes, no entanto, não mais do que o sistema que as pressionava. Elas precisavam trabalhar para sobreviver, para buscar a independência financeira, em alguns casos, para “melhorar” as coisas em casa – como muitas descrevem –, mas, em seus

cotidianos, encontraram formas de resistir, seguindo vivas e produtivas, em uma sociedade cujas taxas de feminicídio<sup>17</sup> são tão significativas e em que a mulher ainda tem sua figura ligada a trabalhos leves e de manutenção.

Escrevo as considerações finais deste trabalho inquieta. Ao longo desta pesquisa, convivendo diretamente com essas mulheres, lendo e relendo seus relatos e também de alguns chefes das fábricas, entrevistas e pesquisas feitas por outras pessoas sobre a pesca artesanal e também sobre a indústria, considero esse campo de trabalho extremamente masculinizado, ainda que, na prática, a mulher seja protagonista dessas atividades.

As perguntas e inquietações são infinitamente maiores do que as certezas. Como seria vista a tarefa de elaboração do peixe se fosse realizada por homens? As mulheres seriam socialmente vistas e compreendidas de outra forma se fossem pescadoras? E se os homens fossem responsáveis pelos cuidados do lar e também dos filhos? E se a jornada de trabalho fosse dividida de forma igualitária entre os moradores da casa? O que aconteceria às famílias de pescadores artesanais se as mulheres se negassem a elaborar o peixe? Como seria a vida dessas trabalhadoras se fossem funcionárias fixas? Se tivessem direito a creches para seus filhos, plano de saúde e vale alimentação? Será que em outras condições de trabalho ainda chegariam de estômago vazio à fábrica? Quem tem medo de trabalhadoras livres? Quais eram as ambições dessas funcionárias em relação à fábrica? O que a ausência de ascensão dentro de uma fábrica pode nos dizer sobre as mulheres?

Como podem observar, ainda há muito a ser questionado sobre as histórias das trabalhadoras. Sim, histórias no plural, afinal, essas mulheres são muitas, de muitas formas, de muitas angústias, de muitos saberes, de muitos trabalhos, de muitos filhos, de muitas dificuldades, de muitas resistências.

Mulheres com marcas do tempo, do trabalho nada “leve”, do trabalho “pesado” e árduo, mas feito, sim, por mulheres e também por crianças, afinal, quem chega mulher<sup>18</sup> com treze anos pedindo uma vaga em uma indústria de peixe?

---

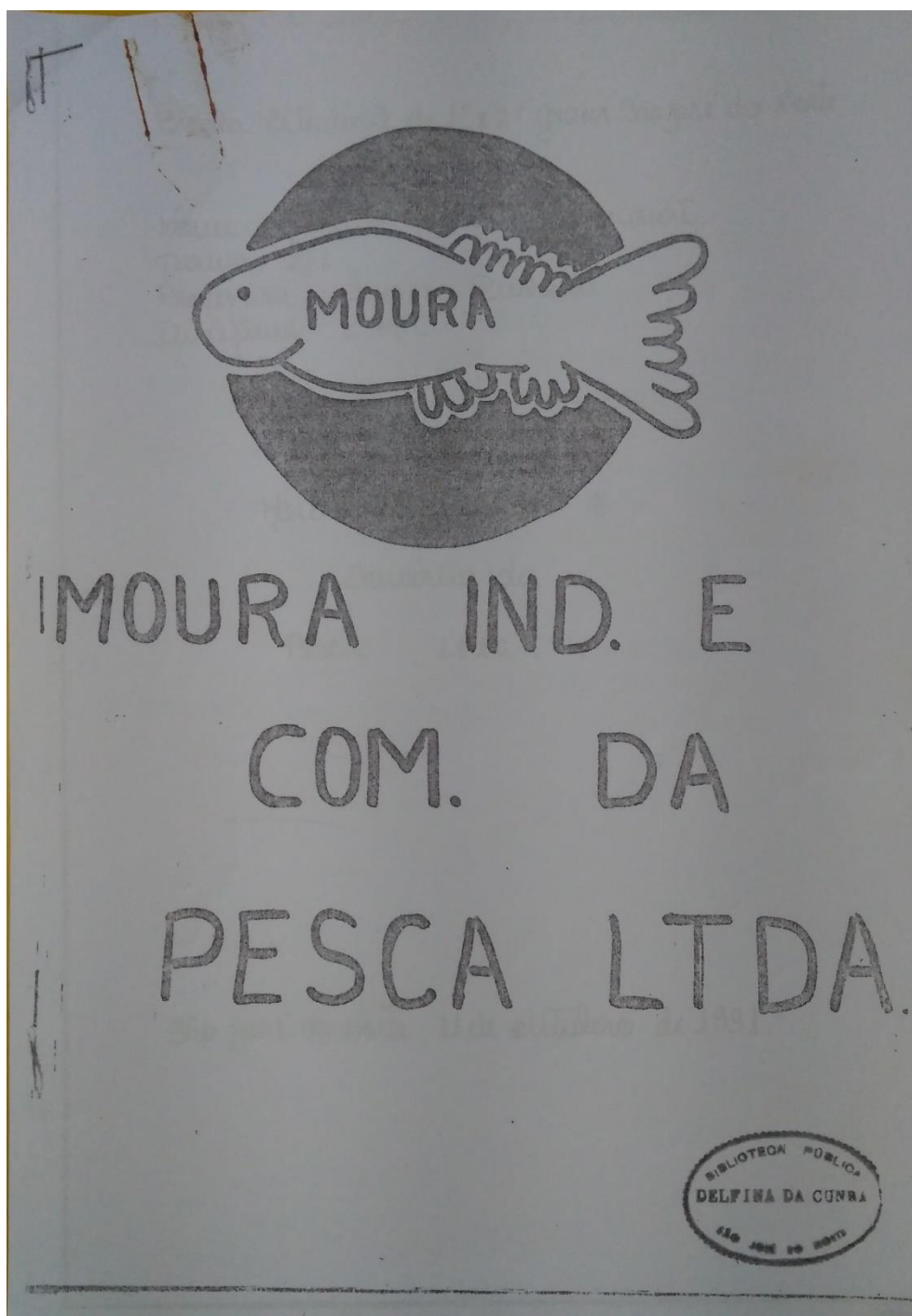
<sup>17</sup> Atualmente a taxa de feminicídios no Brasil é registrada como a 5ª mais alta do mundo. Fonte: Artigo 19, disponível em: <<https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2018/03/Dados-Sobre-Femic%C3%ADdio-no-Brasil-.pdf>>.

<sup>18</sup> Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. (BEAUVOIR, p.09, 1967).

## ANEXOS

*Analisar imagens é discutir a produção do olhar e do imaginário.  
(THIESEN, op. cit., p. 145).*

Anexo I: Capa de um trabalho de Ensino Médio da escola Instituto Estadual de Educação São José, do qual foi retirado um trecho da entrevista realizada por Rubilar Mackmill Bittencourt com um dos administradores da empresa Moura Indústria e Companhia da Pesca Ltda., o senhor José Moraes, 1991.



N. 4 0 + . 0 5 . 9 4 PESCA

# Sonho Meu ...

Guaracy Ferrari



De tanto ler, ouvir, sentir e presenciar episódios dramáticos da triste história da decadência da pesca e de seus reflexos na vida do pequeno pescador e do operário da indústria pesqueira, que, direta ou indiretamente dependiam dessa atividade para proporcionarem às suas famílias uma vida decente, a gente se preocupa, se indigna e fica estarrecido diante da indiferença e da insensibilidade das autoridades, que não tomam providências para coibir a pesca predatória realizada abusiva e criminosamente dia e noite por centenas de barcos junto à costa do oceano, a menos de 200 metros da praia, nem para evitar a insensatez dos pescadores artesanais que, em nome da sobrevivência, a pretexto de tentarem contornar dificuldades momentâneas, agridem furiosamente a natureza num arrastão impiedoso porque, em consequência dele, suas famílias também estão sendo arrastadas para a miséria e a degradação. E o futuro de seus filhos vai se tornando irremediavelmente comprometido.

Quando a gente se preocupa demais com um problema acaba sonhando com ele. É o que costuma acontecer comigo. Sonhando com os bons momentos da pesca em São José do Norte, recorro com saudade o tempo em que a pesca da tainha não falhava e, por isso, era esperada com muita expectativa pelas noivas dos pescadores, que programavam o casamento para depois da "corrida", porque sabiam que a corrida da tainha era certa, abundante e rica, proporcionando ganhos suficientes para os noivos casarem com a segurança de quem pretende começar uma nova vida sem problemas. No sonho, eu recorro o espetáculo da

partida das parselhas de pesca para a Ilha da Feitoria todos os anos, logo após a Festa de São Pedro, para pescarem até dezembro, bagre, muito bagre e também corvina, safras fartas e garantidas que também desapareceram do calendário. Hoje, a ilha está deserta. Ninguém vai lá porque não tem o que pescar nas suas proximidades. Voltando à tainha, lembro do movimento das dezenas de parselhas, distribuídas entre o Norte e o Cocuruto - a do Zé Bida, do Isaac, do Abel, do Juca, do Zé André, do Laracha, do Agonia, do Zé Raia, do Pimpão e tantas outras, vibrando numa alegria contagiante, na puxada de cada lance, com as redes entulhadas de peixes. E a parselha do Manuel Palhaço, na Croa, recrutando agricultores para se revezarem com seus prociros, cansados de tanto puxarem redes repletas de tainhas. Lembro também da pesca do camarão em pleno dia, quando os pescadores eram obrigados a parar porque as indústrias não tinham capacidade para receber tanta fartura. E as parselhas da costa do oceano, a do Pitoco, do Celso Ramos, do Atanázio, do Odilon, do Nando, do Finura, do Odeto, do Felício, pescando milhões e milhões de quilos de peixes, os frutos de um trabalho arrojado e muito árduo, mas bem compensador.

Como eu sou do tempo em que o Jogo do Bicho era livre e as pessoas não perdiam a oportunidade de apostarem quando o sonho era nítido, é que eu aposto tudo na MARINHA BRASILEIRA, como única instituição capaz de evitar a pesca predatória, com a certeza de que, só assim, o sonho que eu vivi com muita nitidez e emoção poderá ser vivido também pelas futuras gerações.

Anexo III: Matéria avulsa do Jornal Folha do Norte, sob o título: Executivo promoverá simpósio para salvar a pesca. Data: 25/04/1996, sem autor.

26 de abril 1996 - 5 - Folha do Norte

GERAL Nº 100

## EXECUTIVO PROMOVERÁ SIMPÓSIO PARA SALVAR A PESCA

Foi realizada esta semana no gabinete do prefeito Dario Futuro mais uma reunião com pescadores locais que buscam desesperadamente uma alternativa que lhes permita visualizar uma perspectiva com relação à pesca na Lagoa dos Patos e até mesmo no Oceano Atlântico. Participaram do encontro Atanásio Ramos, Carlos Simões, presidente da Colônia de Pescadores Z-2; Luis Pólas, vereador e pescador; Hamilton Rodrigues, do Setor de Pesquisas do IBAMA; Guaraci Ferral, encarregado de elaborar o projeto e a carta de intenções para a realização do simpósio que será organizado pelo município e o prefeito Dario Futuro. Na oportunidade ficou definido que o encontro que contará com representantes dos governos federal e estadual, IBAMA, presidentes das colônias, deputados, vereadores, prefeitos da região, pescadores e outras autoridades ligadas ao setor pesqueiro, será realizado dentro do menor espaço de tempo possível, quando os problemas serão debatidos de forma objetiva, procurando sensibilizar as autoridades no sentido de adotar uma nova e definitiva política pesqueira que venha solucionar e garantir a sobrevivência dos pescadores que estão bastante preocupados com o extermínio das espécies e as enormes dificuldades que estão encontrando por absoluta falta de apoio e de uma ação convincente que garanta o futuro desta grande família que aos poucos começa a buscar outras alternativas, sem entretanto encontrá-las, diante das dificuldades e das carências no mercado de empregos que neste ou em outros municípios circunvizinhos.

A carta elaborada pelo professor Guaraci Ferral e que foi assinada com um protocolo de intenções, tem o seguinte texto:

**SALVEMOS A PESCA ENQUANTO É TEMPO**

Na omissão, na permissão, na indiferença e no despreparo de homens e órgãos ligados ao setor pesqueiro, de um lado, e na insensatez, na ignorância e na ambição incoerente dos pescadores que praticam a pesca predatória, por outro lado, é que residem as principais causas do aniquilamento dos estoques de pescados na Lagoa dos Patos e na costa do oceano onde as espécies antes abundantes estão sendo dizimadas, encaminhando-se para a extinção.

A principal vítima dessa inqualificável agressão é São José do Norte, município que concentra a mais numerosa colônia de pescadores do Estado e tem na pesca um dos sustentáculos da sua economia. A vertiginosa queda na produção de pescados na Lagoa dos Patos, que na década de 70 alcançou 45 milhões de quilos e hoje não chega a dez mil toneladas anuais, repercutiu danosamente na vida da população e na economia de São José do Norte, onde o fechamento das oito indústrias pesqueiras deixou sem trabalho mais de dois mil operários. E o fracasso da pesca na lagoa fez migrar para a cidade centenas de famílias de pescadores artesanais para viverem marginalizadas, agravando o problema social, que teve início com o fechamento das indústrias e não parou de crescer porque os egressos do campo e das praias continuam buscando a periferia da cidade de São José do Norte e de outras da região. Mais de 20% da população, cerca de 4500 nortenses, deixaram o município na última década.



**PESCADORES QUEREM MAIOR ATENÇÃO DAS AUTORIDADES**

A queda da produção de pescados se faz sentir também em Rio Grande, onde menos de dez das três dezenas de indústrias pesqueiras permanecem resistindo, embora em situação pré-falimentar, os efeitos da crise. E em São Lourenço do Sul, Pelotas e outros municípios pesqueiros. Mas em nenhum deles com tanta intensidade como em São José do Norte onde a economia está dividida entre cebola e pescados e a população, entre pescadores e cebolicultores.

Essa situação nos deixa lutando praticamente sozinho porque, enquanto nos demais municípios a crise da pesca é um problema secundário, porque a economia deles é bem diversificada, para São José do Norte, o fracasso da pesca é um problema vital.

Estamos nós, mas com autoridade, conhecimento de causa e muita disposição para mobilizar a comunidade e ir ao encontro das autoridades estaduais e federais para denunciar, reivindicar, apresentar sugestões e pleitear a adoção de medidas enérgicas, eficazes e urgentes para cobrir essa devastação criminosamente e possibilitar a recuperação da Lagoa dos Patos, o maior viveiro natural de pescados do país, e viabilizar o renascimento de sua pesca diversificada e abundante para alimentar a população faminta e desnutrida e devolver ao pescador o sagrado direito de viver com dignidade.

Já cansamos de denunciar a presença de centenas de barcos de pesca industrial operando, noite e dia, junto à costa do oceano, na área de criação e movimentação dos cardumes jovens, utilizando redes proibidas onde a pesca não é permitida. Denunciamos, a imprensa constatou, registrou e divulgou as nossas denúncias, mas nada aconteceu.

Competente, mas impotente, porque está desarmada, desamparada e desestimulada, a fiscalização do IBAMA pouco ou nada pode fazer para evitar a ação criminosamente dos predadores - nos banhos, nas matas, na costa, nas lagoas. Então, talvez para não cair no esquecimento, manifesta-se preocupada em defender as caturritas, que estão devastando os milharais, e os cardeais que, por incrível que pareça, estão encontrando na reprodução em cativeiro a alternativa mais segura para a preservação da espécie que, na natureza, está sendo dizimada pelos agrotóxicos aplicados nas lavouras.

Das outrora abundantes safras de pescados da Lagoa dos Patos só resta, por enquanto, a do camarão, cujo processo de extinção prosperou ameaçadoramente este ano, quando os "piratas modernos", depois de devastarem Laguna e o litoral catarinense e se instalaram na nossa costa, adentraram a barra, invadiram a Lagoa dos Patos e "descobriram" as áreas de criação do camarão, no Saco do Estrello, para onde levaram ao extremo o instinto devastador, ao revólver o piso da lagoa com seus artefatos de pesca de arrastão para liquidar com o camarão em pleno processo de desenvolvimento. Com isso, depreciamos o produto, que não serviu para a industrialização e muito menos para o mercado internacional porque, sem atingir a idade adulta, o camarão capturado apresentou-se miúdo e com a casca mole, sem aceitação e, por isso, não alcançou um preço compensador.

A "Corrida da Talinha", que figurava no calendário das festas do município como um dos eventos mais animados, virou lenda. A miraglia, a savelha, o linguado, o papaterra e o pelze-rel desapareceram quase por completo. A safra do bagre, que já atingiu onze milhões de quilos e agora não alcança nem trezentas toneladas anuais, ficou na saudade. Tudo isso porque, na ânsia de pescarem o camarão, com a utilização de redes proibidas e métodos condenáveis, o pescador, ou seja, o predador mata os alevinos e aniquila os cardumes jovens destas espécies.

Sabemos que os rios despejam na Lagoa dos Patos as águas poluídas pelos resíduos industriais e pelos agrotóxicos das lavouras. E que esta poluição também está influyendo na diminuição dos estoques de pescados. Por isso, sugerimos que, paralelamente às medidas que precisam ser tomadas para combater a pesca predatória, sejam postas em prática também as de despoluição dos rios que despejam águas envenenadas na lagoa.

Como contribuição de São José do Norte ao grande debate que precisa acontecer para reverter essa situação e recuperar essa extraordinária fonte de alimento, de riqueza e de trabalho, sugerimos a discussão dos seguintes temas:

- 1 - Proibição da pesca por espécies alvo em áreas determinadas, criando um Calendário de Pesca, com amparo em trabalhos de pesquisa, e assegurando a sobrevivência do pescador através da extensão do programa Salário Desemprego à categoria.
- 2 - Participação efetiva da MARINHA no patrulhamento da costa do oceano e na Lagoa dos Patos, principalmente nas áreas de criação do camarão, e da POLÍCIA e da FISCALIZAÇÃO DO ESTADO nos postos de controle da circulação das mercadorias nas rodovias gúachas.
- 3 - Financiamento, como o mínimo de burocracia, para manutenção dos barcos e dos equipamentos de pesca, através do programa de Custeio-Pecuniário para Atividade Pesqueira, em vigor, e inclusão dos pescadores nas Linhas de Crédito para as micro e pequenas empresas, estabelecidas pelo Estado.
- 4 - Influência do MERCOSUL na comercialização dos pescados.

**A PESCA PREDATÓRIA LEVA OS PESCADORES AO EXTERMINIO E O PESCADOR À MISÉRIA.**

**É MAIS PRUDENTE DAR UMA PARADA HOJE DO QUE NÃO TER O QUE PESCAR AMANHÃ...**

**SALVEMOS A PESCA ANTES QUE SEJA TARDE DE MAIS...**

**PADARIA MÁRCIA**

da Dona Clarinha

*Sempre com pães quentinhos também nos domingos e feriados das 8:00 às 12:00 e das 15:00 às 20:00 horas.*

**ARAGÃO BOZANO, 795**  
**FONE: 38-1169**

**CLÍNICA DR. MIRANDA**

*Clínica e Cirurgia Geral*  
*Ginecologia e Obstetrícia*

- Dr. Afonso Henrique Miranda  
Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetrícia
- Dr. José Carlos Azevedo  
Cardiologia e Clínica Geral
- Dr. Daniel dos Santos Lima  
Pediatría, segundas, quartas e quintas a partir das 15:00 horas.

**ATENDIMENTO DE**  
**SEGUNDAS A SEXTAS-FEIRAS**  
**DAS 13:00 ÀS 17:00 HS.**

**RUA ERNESTO ALVES, 480**  
**SÃO JOSÉ DO NORTE**

**PROPOSTA PARA ASSINATURA**  
**FOLHA DO NORTE**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Período: \_\_\_\_\_

RECORTE E REMETA ESTE CUPOM, ACOMPANHADO DE CHEQUE NOMINAL À "FOLHA DO NORTE", NO VALOR DO PLANO ESCOLHIDO, À RUA GENERAL OSÓRIO, 133 SALA 103, SÃO JOSÉ DO NORTE, CEP 96.228-000

PLANO	SÃO JOSÉ DO NORTE	OUTRAS CIDADES
TRIMESTRAL	R\$ 10,00	R\$ 15,00
SEMESTRAL	R\$ 16,00	R\$ 25,00

Anexo IV: Planta baixa da fábrica Humberto Ferrari e Filho.

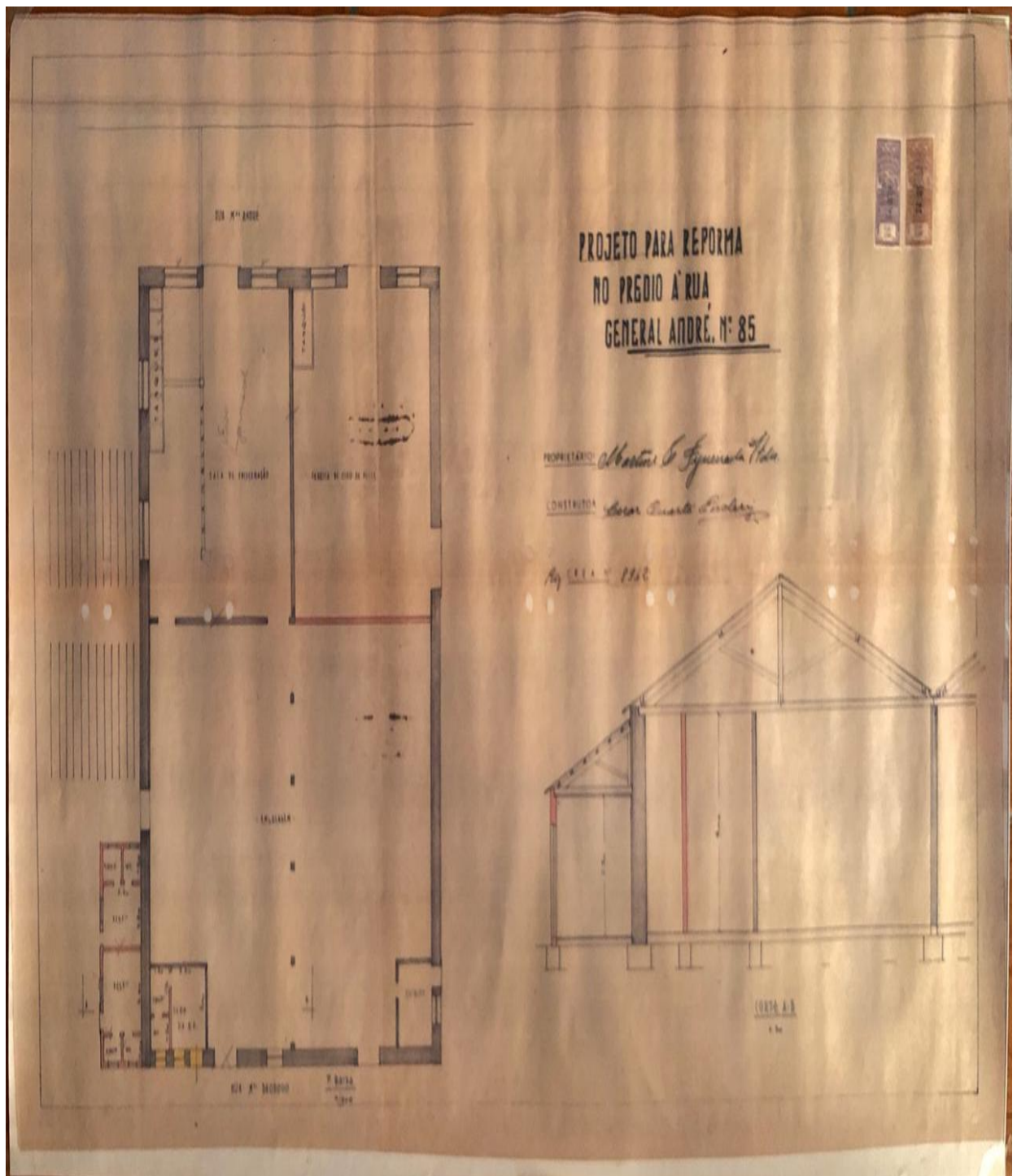




Anexo V: Foto da Fábrica Humberto Ferrari Filho. A foto foi postada na página: São José do Norte fotos antigas, por Cristiano Paranhos, no dia vinte e dois de junho de 2015. A legenda que consta na postagem é : “Beira do cais, década de 60”.



Anexo VI: Planta baixa da fábrica Martins e Figueiredo Ltda.



Anexo VII: Foto externa do prédio onde funcionou Moura, a última fábrica de peixe do município. (Registro: Luiza Rosa, em: 14/02/2019)



Anexo VIII: Entrevista com Conceição Gautério da Silva, ex-tarefaira, atuou em várias fábricas nos municípios de Rio Grande e São José do Norte (Foto: Luiza Rosa, em: 25/02/2019).



Anexo IX: DVD contendo o vídeo do capítulo quatro e fotos das plantas baixas das fábricas, para melhor visualização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOMILLI, G. K. Pescarias e embarcações: a tradição cultural de comunidades de trabalho da pesca artesanal em São José do Norte/RS. In: *Referências culturais do município de São José do Norte*, p.34-52, Editora Pluscom, Rio Grande, 2017.

ANTUNES, L. P. S. G. A arquitetura nunca mais será a mesma: considerações sobre gênero e espaço(s). *URBANA: Revista Eletrônica Do Centro Interdisciplinar De Estudos Sobre a Cidade*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 2-23, 2015.

\_\_\_\_\_. Questões de gênero em arquitetura: história(s), espaço(s) e experiências profissionais e arquitetônicas. *Ex aequo*, Lisboa, n. 33, p. 97-81, 2016.

BITTENCOURT, R. M. Moura Indústria e Companhia de Pesca Ltda. 1991.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, jan./jul. 2005.

COSTA, V. A. *As trabalhadoras resistem: uma arqueologia das mulheres operárias da fábrica Rheingantz (1884-1919)*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa*. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRARI, G. *A cidade do já teve*. 1997.

\_\_\_\_\_. *O papel da indústria no desenvolvimento de São José do Norte*. 1999.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2014.

KUNIOCHI, M. N.; COSTA, A. P. A. *Precarização e preconceito: mulheres trabalhadoras da indústria da pesca*, s/d.

LEITÃO, M. R. F. A. Gênero, pesca e cidadania. *Amazônica: revista de antropologia*, Belém, v. 5, n. 1, p. 98-115, 2013.

MARTINS, C. A. A. *Indústria da pesca no Brasil: o uso do território por empresas de enlatamento de pescado*. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev., 1987.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002.

RAGO, M. *Do cabaré ao lar: utopia da cidade disciplinar*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RIBEIRO, A. L. Razão e Sensibilidade: a desconstrução do mito da fragilidade feminina. In: CONGRESSO DE TEOLOGIA DA PUCPR, 10, 2011, Curitiba. *Anais eletrônicos...* Curitiba: Champagnat, 2011. p. 477 - 488.

RENNER, M. A. G. *Industrialização do pescado em Rio Grande – RS – Brasil: as transformações na organização da industrialização de pescado em Rio Grande – RS – Brasil*. Riga: Novas Edições Acadêmicas, 2012.

SILVA, S. M. V.; MARTINS, C. A. A. O trabalho feminino assalariado nas fábricas de pescado na Galícia. *Finisterra*, Lisboa, v. 51, n. 103, p. 25-43, 2016.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPOLLE, M. V.; SILVA, S. M. V. O trabalho feminino nas fábricas de conserva de pescado: a permanência de uma exploração laboral. *Scripta Nova*, Barcelona, v. 28, n. 464, jan. 2013.

THIESEN, B. V. Invisibilidade, memória e poder: a identidade imigrante e a construção da paisagem da cidade – Rio Grande (RS). *Métis: história e cultura*, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 141-155, 2009.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, Tempo, 1998.